

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI
Filozofická fakulta
Katedra romanistiky

**Tradução comentada de contos do escritor
português Valter Hugo Mãe para a língua
eslovaca**

**Commented translation of short stories of the
portuguese writer Valter Hugo Mãe to Slovak
language**

Bakalářská diplomová práce

Autor: Viktória Polyáková
Vedoucí práce: Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.

Olomouc 2017

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou diplomovou práci vypracovala samostatně pod odborným vedením Mgr. Kateřiny Ritterové, Ph.D. a uvedla v ní veškerou literaturu a ostatní zdroje, které jsem použila.

V Olomouci, 18. 6. 2017

.....
podpis

Pod'akovanie:

Chcela by som poďakovať vedúcej mojej bakalárskej diplomovej práce Mgr. Kateřine Ritterovej, Ph.D. nielen za rady, ktoré mi poskytla pri písaní tejto práce, ale aj za všetky skúsenosti, s ktorými sa so mnou v rámci prekladateľských seminárov podelila.

Moja vďaka patrí tiež PhDr. Zuzane Burianovej, Ph.D., Mgr. Petre Svobodovej, Ph.D. a Mgr. Fernandovi Costovi, ktorí k nám vždy pristupovali s trpezlivosťou a ochotou.

Na záver chcem poďakovať svojej rodine a priateľom, ktorí mi boli počas štúdia veľkou oporou.

Índice:

1. Introdução.....	6
2. Nota sobre o autor	8
3. Contos de cães e maus lobos- o livro	10
3.1. Gênero literário.....	10
3.2. Incorporação na obra do autor e características gerais	11
3.2.1. Linguagem	11
3.2.2. Título	12
3.2.3. Temas	12
4. Análise dos textos escolhidos	13
4.1. O rosto	13
4.2. As mais belas coisas do mundo	14
4.3. O menino de água	15
4.4. Motivos que ligam os três contos.....	16
5. Tradução dos contos	18
5.1. Najkrajšie veci na svete.....	18
5.2. Chlapec z vody.....	22
5.3. Tvár.....	24
6. Tradução	29
7. Análise da tradução	31
7.1. Classificação dos problemas.....	31
7.2. A relação entre os sistemas de duas línguas	32
7.2.1. Palavras sem equivalente na língua-alvo	32
7.2.2. Idiomatismos.....	34
7.2.3. Decalque.....	34
7.3. Os vestígios da língua-fonte na estilização da tradução	35
7.4. Transferência de expressões com dois sentidos	35
7.5. Linguagem figurativa	36
7.5.1. Figuras	37
7.5.2. Tropos	38
8. Conclusão	39
9. Resumo	40
10. Bibliografia	42

11. Anexos	i
12. Anotação	44

1. Introdução

Um dos objetivos da tradução literária é fazer acessível as obras literárias a um maior público de leitores. Graças a que se ultrapassam as barreiras linguísticas as obras dos autores podem penetrar no mercado estrangeiro, e precisamente nisto se esconde o seu poder. Se a obra de algum autor se traduz para várias línguas, ultrapassando as fronteiras da sua comunidade linguística, é sem dúvida um sinal de verdadeiro sucesso. Acontece às vezes que o nome do autor já chegou aos nossos países vizinhos, mas no nosso ainda está despercebido. É exatamente o caso do escritor português Valter Hugo Mãe, cujas obras gozam de muita popularidade não só em países lusófonos, mas também já foram traduzidas a várias línguas. No nosso país, porém, ainda não se publicou nenhuma tradução dos seus livros.

Valter Hugo Mãe é muito popular em Portugal, não se dedica só à escritura, mas é uma figura pública bastante conhecida. Comunica ativamente com os seus fãs por meio das redes sociais e também faz encontros durante os eventos literários.

Para o presente trabalho escolhi três contos da sua coletânea Contos de cães e maus lobos, por questões da extensão. Os contos se podem ler separadamente, não há uma ligação clara entre eles, mas ao mesmo tempo é possível encontrar aspetos que os relacionam. Como se abordam neles temas existenciais, pelos quais passa cada ser humano, são perceptíveis para os leitores em qualquer parte do mundo. A escrita de Valter Hugo Mãe caracteriza-se de uma linguagem elaborada, cheia de imagens poéticas. Mesmo sendo assim, isto não impede a percepção da mensagem, os seus textos lêem-se bem. Os contos são apropriados para todas as idades, são bastante cortos, por isso não cansam o leitor.

O presente trabalho vai dividir-se em duas partes principais: a primeira vai ser dedicada à perspectiva literária, a outra vai se ocupar com a tradução. No início vamos brevemente apresetar o autor, depois a coletânea. Vamos identificar os seus traços característicos. Logo vamos conentrar-nos nos três contos escolhidos. Em cada um vamos definir os motivos e sublinhar aqueles que são comuns para os três. Depois de ter feito esta análise vamos seguir com a própria tradução para a língua eslovaca. A seguir vamos focar nos princípios gerais da tradução, comparando os teoremas de vários teóricos da tradução. A parte final vai ocupar a análise da tradução, na qual vamos enumerar concretamente os problemas que surgiram e vamos apresentar as soluções por nós propostas.

Este trabalho tem como objetivo familiarizar-se com a problemática básica da tradução literária e criar uma base para uma possível tradução desta coletânea. Também pretende elaborar uma tradução que tornará possível a leitura dos contos de Valter Hugo Mãe ao leitores no nosso país e servir assim como inspiração para ler algum dos livros deste autor.

2. Nota sobre o autor

Valter Hugo Lemos nasceu em Angola no dia 25 de setembro de 1975. Ainda de criança, a família traslada-se a Portugal. A escola primária frequenta em Paços de Ferreira, a secundária já concluiu nas Caxinas, zona piscatória. Esta época tem muita importância na vida do futuro escritor, como afirma o próprio: “foi nas Caxinas, por volta dos 18,19 anos, que eu perdi o medo dos textos e passei a encará-los como um diálogo com um leitor qualquer”¹.

Licencia-se em direito e faz o estágio completo. Como afirma o próprio, quase em todos os casos defendeu as senhoras em divórcio.² A preocupação com as mulheres é um dos motivos frequentes na sua escrita: “Compadeço-me mais facilmente com a desgraça delas. [...]Enterneço-me mais com a perdição das mulheres do que com a dos homens. As mulheres sobrevivem muito mais, lutam muito mais, resistem muito mais. Mas se tiverem de morrer fazem-no sem tanta hesitação. Isso fascina-me, seduz-me e enternece-me”³.

Depois do estágio, faz a pós-graduação em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea na Universidade do Porto. Valter Hugo Lemos começa a sua carreira literária escrevendo poesia. Adota o nome artístico *valter hugo mãe*, escrito com minúsculas tanto o nome, como algumas das suas obras: “percebi que as minúsculas ligam o texto, aceleram-no, precipitam o leitor. As vírgulas ficam menos virguladas e os pontos menos pontuados. Então as pausas tendem a ser mais breves. Há uma aceleração que se junta a uma certa urgência da história. O leitor fica sem travões.”⁴ Atraiu tanto as atenções do público como da crítica literária. Além do *Prémio de Poesia Almeida Garrett* recebe o *Prémio Literário José Saramago* que lhe é entregue pelo próprio Nobel.

Mais tarde, Valter Hugo Mãe rompe com a sua tradição de escrever em minúsculas e começa a usar maiúsculas e pontuação. Escreve poesia, prosa e contos- os *Contos de Cães e Maus Lobos* é até agora o seu único livro deste género. Além da atividade literária, dedica-se à criação de artes plásticas, é cantor, apresentador no Porto Canal.

O autor participa com frequência em tertúlias literárias, é ativo nas redes sociais, tem muitos seguidores. A sua popularidade já ultrapassou as fronteiras de Portugal, o escritor

¹ João Govern, “Valter Hugo Mãe: O politicamente correto lixou-nos a todos”, 19/08/2016, disponível em <http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/valter-hugo-mae-o-politicamente-correto-lixou-nos-a-todos-5345869.html>, (acessado em: 29/10/2016)

² Ibidem

³ Isabel Coutinho, “o escritor que não usa maiúsculas para o leitor ficar sem travões”, in:Revista Ípsilon, 01/08/2008, pp.5-6. Disponível em: <http://blogues.publico.pt/ciberescritas/files/2008/08/valter-1.pdf>, <http://blogues.publico.pt/ciberescritas/files/2008/08/valter2.pdf>. (acessado em: 29/04/2017)

⁴ Ibidem, p.8.

conta com muitos fãs no Brasil, alguns livros dele já foram traduzidos para o alemão, espanhol, francês ou croata. Danilo Sales de Queiroz Silva opina que para ganhar tanta popularidade entre os leitores, ajudou-lhe um “tom emotivo empregado nos discursos [...], Mãe faz questão de contar histórias sobre pessoas e acontecimentos que revelam uma esperança na humanidade”⁵, isto gera simpatia nas pessoas.

No ano 2016 celebrou um aniversário duplo: os 45 anos da idade e os 20 da carreira literária. Para festejá-lo, houve uma série de eventos literários, e no seu âmbito apresentou-se um livro de estudos sobre o autor com o nome *Nenhuma palavra é exata*.

⁵ Danilo Sales de Queiroz Silva, “Valter Hugo Mãe na cena literária contemporânea”, in: Revista LitCult – Vol.8- 1. semestre 2015, disponível em: <http://litcult.net/category/revista-litcult/revista-litcult-vol-8-1-semester-2015/>, (acessado em 05/06/2017)

3. Contos de cães e maus lobos- o livro

Antes de passar à análise dos três contos escolhidos para a tradução, vamos dar uma olhada na coletânea inteira. É preciso incorporá-la na obra do autor, definir o seu gênero literário, fazer observações quanto à linguagem e aspeto formal.

3.1. Gênero literário

Ao procurar a definição do conto, enfrentámo-nos no dicionário com uma explicação de sentido bastante amplo. Define-se como “história fictícia”¹, outro dicionário o explica como “literatura narrativa breve e fictícia em que a ação geralmente se concentra sobre um único tema ou episódio”². Em que concordam ambos os teoremas é, que se trata de ficção. Depois da leitura dos contos escolhidos podemos afirmar que cada um realmente trata de um tema particular ou um episódio da vida do narrador. Quanto à extensão, são muito breves, não há desvios do assunto principal.

O que não sabemos das definições é a quem é este tipo de obra destinada. Como existe o termo conto de fadas, tendemos a associar os contos com o mundo infantil. Mais adiante veremos que no caso de *Contos de cães e maus lobos*, o autor tomou este facto como recurso e escreveu a obra de modo que pode ser destinada quer ao leitor infantil quer ao adulto. Os adultos têm a possibilidade de repassar alguns momentos significativos da sua vida, as crianças podem aprender com as personagens alguma lição importante para o futuro. O próprio Valter Hugo Mãe resume as suas ideias acerca destas questões assim: “[a] honestidade com que escrevo estes textos tem a ver com fazê-los como algo que eu também pudesse querer ler. Por isso fico com a sensação de que eles devem ser bons textos para toda a gente.”³

A leitura deste livro tem como objetivo ensinar, como afirma Emanuel Guerreiro: “Valter Hugo Mãe associa a leitura ao ato de brincar”⁴, explica que “a aprendizagem como atividade lúdica, de felicidade, ânimo e entusiasmo, sem o peso da regra, do dever, da

¹“conto”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://www.priberam.pt/dlpo/conto> [consultado em 25-02-2017].

²“conto” in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-02-25 16:18:03]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conto>

³ “Entrevista a Valter Hugo Mãe”, in: revista Estante, disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-estante-valter-hugo-mae/> (acessado em 05/06/2017)

⁴ Emanuel Guerreiro, “A Leitura como “máquina de fazer sentir”: Contos de Cães e Maus Lobos de Valter Hugo Mãe”, in: Revista FronteiraZ, nº 17, dezembro 2016, p.189. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/issue/view/1709> (acessado em 05/06/2017)

memorização; sim, sempre, de sabedoria, inteligência e reflexão. Aprendo, penso e reflito sobre o valor e a utilidade do saber para a minha identidade e construção como ser pensante, interveniente, ativo, da sociedade e do grupo humano a que pertenço e para o qual pretendo contribuir.”⁵

3.2. Incorporação na obra do autor e características gerais

Podemos afirmar que até hoje trata-se da única coletânea de contos de Valter Hugo Mãe. Contudo, dois dos contos incorporados no livro, *As mais belas coisas do mundo* e *O rosto* já tinham sido publicadas anteriormente, no ano 2010. A coletânea além dos dois mencionados contém mais nove peças. O aspeto visual do livro sublinha o interesse do autor pelas artes plásticas: cada conto é ilustrado por um artista diferente.

3.2.1. Linguagem

Ao longo da sua carreira literária, Valter Hugo Mãe escreveu tanto obras em prosa como em poesia. Normalmente, o conto enquadra nas obras prosáicas, mas no caso deste autor não é possível fazer uma distinção tão rígida. Os textos da coletânea possuem um tom muito poético, alguns até dão a impressão de poesia escrita em prosa. Segundo Marcelo Franz, “[e]m certo sentido a poesia é o motor de sua ficção”⁶, quer dizer, que a poesia é o elemento-chave que caracteriza a narrativa do autor. Há nos contos muitas expressões metafóricas, figuras estilísticas. As palavras do texto não põem obstáculos ao entendimento, mas o autor os combina de tal modo que nasce uma linguagem poética. As ideias que o autor quer comunicar são apresentadas por meio de imagens, nem sempre na superfície, mas escondidas entre as linhas. Marcelo Franz chegou à conclusão, que “[a] análise da prosa de Valter Hugo Mãe pede uma atenção especial aos modos do dizer a fim de que se perceba, em todas as suas nuances, a intensidade do que se diz.”⁷ Os contos são, então, escritos de maneira que os mais pequenos conseguem perceber a ideia principal mas os adultos, ao ler mais atentamente, podem fazer ainda mais conclusões, descobrir sentidos ocultos pela primeira vista.

A linguagem, além de se aproximar à poesia, tem mais um traço característico. É marcada por os contos serem dedicados também aos leitores infantis. O autor coloca-se na pele do narrador infantil e usa expressões de acordo com a lógica das crianças. Apresenta-se o

⁵ Ibidem, p.190.

⁶ Marcelo Franz, “Minúsculos maiúsculos: a poesia da prosa de Valter Hugo Mãe”, in: Revista Convergência Lusitana, n.33, janeiro- junho de 2015, p.50, disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=3516> (acessado em 05/06/2017)

⁷ Ibidem, p.56.

mundo sob o seu ponto de vista, o leitor consegue identificar-se com a personagem do narrador. Este meio facilita o entendimento das situações apresentadas, envolve mais profundamente o leitor na história.

Como já foi mencionado, Valter Hugo Mãe experimentou muito com os textos. Neste livro já abandonou a escrita em minúsculas e usa pontuação. A única coisa que além da já tratada misigenação dos géneros deve ser mencionada é o facto de o autor não seguir o Acordo Ortográfico.

3.2.2. Título

O título do livro pode evocar alguma coisa mal-assombrada, escura. Depois da leitura de todos os contos podemos chegar à conclusão que os cães e maus lobos representam as ânsias escondidas no fundo das nossas almas. É este o elemento que liga todos os contos: enfrentar os nossos medos vestidos de bestias no título. O prefácio do livro foi escrito por Mia Couto, ele opina que “[e]stá nestes contos aquilo que está em toda a sua obra: o questionar as certezas mais fundas, uma visita às profundezas da alma. A escrita de Valter sugere, que os outros somos nós mesmos.”⁸ Podemos então identificar-nos com as personagens e viajar até os pontos mais escudados dentro de nós.

3.2.3. Temas

No livro *Contos de cães e maus lobos* o autor mostra a sua preocupação pelas questões existenciais. Trabalha com temas como o surgimento da vida, a morte, a solidão, o sofrimento. Por exemplo, a novela *Desumanização* tem como tema central o luto⁹, o mesmo acontece no conto *O menino de água*.

⁸ Valter Hugo Mãe, *Contos de cães e maus lobos*, Porto: Porto Editora, 2015, p.XII.

⁹ Marcela Güther: “Lidando com a morte: o luto em duas obras literárias”, in: *Homo Literatus*, 21/03/2015, disponível em: <http://homoliteratus.com/lidando-com-morte-o-luto-em-duas-obras-literarias/> (acessado em:06/06/2017)

4. Análise dos textos escolhidos

Este capítulo dedicar-se-á à análise dos três contos escolhidos no que se refere aos motivos, as características da linguagem como tropos e figuras. Primeiro, vamos analisar os contos individualmente, depois vamos sublinhar os traços que os três têm em comum. Vamos apresentar uma ou mais interpretações possíveis. Segue-se depois com a confrontação destes aspetos, quer dizer, vamos indicar com que diferença se realizou a mesma ideia em contos diferentes.

4.1.O rosto

O narrador do conto é um rapaz, que narra um episódio especial da sua vida. Trata-se duma lembrança importante, que determinou a maneira como ele olha para o mundo que o rodeia. Na sua narração usa a linguagem da criança, pois repete muitas vezes as palavras dentro de um parágrafo, usa comparações que são frutos de uma imaginação infantil (ex. metáfora «careca do monte»).

A ideia principal do conto é a lição que o rapaz aprende: prestar atenção. Esta tarefa é importante num sentido duplo, porque ao longo da história há um paralelismo entre a natureza e o ser humano. Primeiro, temos uma descrição pormenorizada da paisagem, muito metafórica. Sublinha-se aqui a importância dela na vida da família do rapaz, pois o trabalho deles é ver ao longe. O rapaz é muito marcado pelas circunstâncias das quais provém, até entrar na escola não conhece outra realidade. No seu mundo, nos montes, o tempo passa de outra maneira, não tem tanta importância. Ele está um pouco afastado da civilização, não conhece muitas pessoas. Está acostumado a prestar atenção às mudanças mais pequenas na paisagem grande.

A ruptura vem com a sua entrada na escola. Começa a integrar-se, mas não é nada fácil descobrir como funciona este mundo paralelo ao seu. Graças ao esforço da professora ele aprende não só ler e escrever. Ela também lhe mostra como examinar os rostos das pessoas com tanta precisão como ele procura as mais mínimas alterações das coisas no longe. A professora consegue explicar o equilíbrio que há entre a cidade e a natureza, e o rapaz, ao perceber isso, consegue descifrar o que se esconde detrás das máscaras das pessoas. É ainda importante mencionar que ao rapaz custa muito esforço aprender a perceber, mas no final o consegue e temos uma síntese entre os dois mundos, explicado com a comparação dos sentimentos perturbados a um incêndio. Com esta conclusão se justifica que a criança realmente percebeu o que lhe ensinaram.

O tema é universal, todos se podem identificar com ele, mostra as dificuldades que a criança passa ao entrar num ambiente novo. É quase um segundo nascimento, porque parte a um universo novo, com novos desafios, novas responsabilidades e tem de se incorporar nele. O texto é compreensível já pela primeira leitura, apesar do facto da sua linguagem ser rica em imagens metafóricas.

4.2.As mais belas coisas do mundo

Este conto também é narrado por uma criança, e outra vez descreve um momento chave da existencia de cada um de nós. A linguagem é muito metafórica, mas ao mesmo tempo aparecem no texto expressões com carácter infantil (ex. a colocação incomum de palavras no caso de «precisar de morrer»).

Vamos dedicar-nos às duas questões principais abordadas neste conto. Primeiro, a importância para a criança encontrar um modelo digno de seguir. A história gira à volta da personagem do avô. Para o rapaz ele é o modelo ideal para imitar. Ele tenta fazer todo o possível para se tornar igual a seu avô, quer que um dia se possa reconhecer nele a sua influência. O rapaz se sente em casa no abraço do avô, o autor quer destacar que a casa não é um edificio, os seus habitantes, a família, fazem parte essencial dela. O avô tenta educar o neto, sempre-lhe promete um abraço em troca. O rapaz faz tudo para não o desiludir, no início à espera do abraço, no final já de simples convicção de fazer as coisas certas. A primeira tarefa que lhe dá o avô é encontrar a beleza. O rapaz procura com muito empenho no seu redor, mas não a consegue encontrar. Depois da explicação do avô descobre, que ela está escondida em cada um de nós, o lugar certo para a procurar é dentro das pessoas, na maneira como elas sentem e agem. Também aprende distinguir entre o valor e o preço: o amor não se pode comprar por dinheiro.

Abordam-se também questões existenciais. O rapaz perde a sua avó, esta é a primeira situação na sua vida, quando é testemunha da morte. O avô explica-lhe que se trata duma simples mudança de substância, pois a avó permanece viva na nossa mente, nas nossas lembranças. Por isso é que ele não deveria ficar triste pela perda, mas ao contrário, celebrar a memória da pessoa querida. Ao perder o avô já vemos que ele aprendeu a lição, luta contra a tristeza e celebra a vida dele. Ele partiu, mas o seu abraço continua no coração do seu neto, nas suas lembranças.

Com o tema da morte contrasta a questão de como surge a vida. O autor expõe uma explicação metafórica, diz que o causador principal da vida é a sede. Por isso, a água é o

elemento preciso para os entes nascerem. No final do conto descobrimos, que o que nos mantém vivo e a sede do amor.

4.3.O menino de água

No terceiro conto escolhido o narrador fica fora dos acontecimentos. Descreve-se uma história muito dolorosa duma mãe, porque perde um filho. Somos testemunhas de como tenta lidar com a situação.

Quanto à extensão, o conto é bastante curto, mas leva em si muitas ideias. Vemos neste conto a importância da figura da mãe para o autor (esta palavra escolheu como o seu pseudónimo). Sublinham-se as qualidades dela, a preocupação típica dos pais. Demonstra-se isto já no início, no momento quando ela vê o filho desaparecer. Ela anda à sua procura sem cansar, por todos os lugares, não desiste da ideia de o encontrar.

O filho perdeu-se no mar, por isso a água é o elemento que o liga com a mãe. Ela quer ficar perto do seu menino, por esta razão tenta juntar a mais água possível na sua casa. Enche todos os jarros, como se fossem a casa do seu filho. Quer manter o contacto com o menino, e isto é possível só através de água. Toda a sua casa está cheia de água, isto pode também apontar para o facto que quando alguém morre, os familiares vêm-no em tudo que os rodeia, tudo faz-lhes lembrar o morto.

Como a água treme, inquieta-se, a mãe o percebe como uma linguagem especial entre ela e o filho. Uma imagem importante é também quando ela põe no jarro brinquedos. Podemos associar isto com que para os pais ficaremos sempre crianças, não dependendo da idade, este sentimento deles permanece ainda mais se o filho partiu em idade de criança. Há um paralelismo inverso: como o filho é representado pela água, a mãe consegue nadar nele. Eles trocaram de papel assim, porque o menino ainda não nascido fez a mesma coisa na barriga da mãe.

O motivo mais importante deste conto é sem maior dúvida o mar, a água. Este elemento está presente na literatura portuguesa há séculos. Tratava-se sempre dum símbolo ambíguo. Era considerado positivo, porque trouxe a riqueza das terras distantes, e negativo, porque a muitos homens tirou a vida. É por isso que as mulheres culpavam o mar pela morte dos seus homens queridos. Neste conto, a ambiguidade é também marcante. A mãe culpa o mar pela perda do menino, mas no outro lado ela rodeia-se com ele e acarinha-o porque sente nele a presença do filho. Ela não consegue encontrar alívio até se vingar ao mar, deixando evaporar lentamente a água e despedindo-se assim do seu menino.

Este conto é um exemplo da infinidade do amor maternal, mostra que uma mãe verdadeira nunca desiste dos seus filhos.

4.4. Motivos que ligam os três contos

Há alguns motivos que aparecem não só num dos contos, mas repetem-se também nos outros. Vamos, primeiro, destacar aqueles que ligam todos os três contos escolhidos, e depois dedicar-nos-emos aos motivos que aparecem em alguma forma sempre em dois deles.

Temos três motivos principais que estão presentes nos contos escolhidos: a transição, a busca e a casa. Aparecem sempre um pouco alterados. Vamos ver, a seguir, quais são os variantes da sua incorporação nos contos.

O primeiro motivo que podemos destacar é a transição. Nos três contos podemos descrever assim o processo pelo qual passa o narrador, pois adquirindo algum conhecimento novo, faz um passo para se transformar em adulto. No caso do conto *O menino de água*, é o filho que se transforma. Ele dilui-se no mar, une-se com ele, faz parte dele. A morte dele é uma transição. A mesma coisa acontece com a existência da avó.

O segundo motivo comum para os três é a busca. Outra vez toma formas diferentes: temos uma mãe à procura do filho, um rapaz que quer encontrar a beleza, outro que busca os sentimentos escondidos baixo as máscaras das pessoas.

Finalmente, em todas as histórias aparece a casa. O autor escolheu várias formas para colocá-la nos contos, mas a importância dela é sempre indubitável. Há uma gradação se comparamos até que ponto a casa dispõe de contornos físicos. Temos uma casa física, é aquela no monte, em meio da natureza. Outra que é física também, mas o seu habitante está nela presente só metaforicamente- são os jarros enchidos de água. A terceira casa é a mais abstrata de todas. No início é o abraço do avô, que sendo mesmo um acto físico, no final do conto torna-se numa lembrança guardada no coração do seu neto. Este último caso é por isso mais um exemplo do sentimento de pertencer a algum lugar.

Há mais um motivo especial que de alguma maneira aparece em todos os contos. São os cães e lobos do título da colectânea. Os dois ao mesmo tempo aparecem só uma vez, ao procurar as mais belas coisas. No conto *O menino de água* a mãe joga para a água um lobo para o seu filho brincar. Finalmente, no conto *O rosto* um dos protagonistas é o cão que vive na monte com a família e tem um papel importante, pois é submetido às investigações do narrador acerca das expressões nos rostos.

Há motivos que aparecem em dois contos, mais ou menos da mesma maneira. Um exemplo é como os narradores aprendem alguma coisa. A diferença é na «matéria». Ora a criança estuda na escola, ora tem lições de como superar uma crise emocional.

Outro elemento neutro é o amor. Veste mais formas: temos um exemplo do amor da mãe, outro do amor entre avô e neto, um sentimento de alta estima.

Aparecem nos contos conceitos, que são realizados de maneira tão distinta, que até se contradizem. Podemos colocar nesta caixa a imagem da morte. A diferença é na atitude do narrador. A mãe não consegue ultrapassar a perda, o rapaz, ao contrário, vence a tristeza guardando as boas lembranças no coração. Outro motivo contraditório é a água. Na teoria do avô é ela o elemento que ajuda no surgimento da vida, no caso da mãe é a responsável pela morte do seu filho.

É possível afirmar, que há nos contos motivos que os ligam, mas ao mesmo tempo o autor em alguns socorreu-se ao mesmo elemento para criar uma antítese. Contudo, é o tom emotivo que mais relaciona os três textos.

5. Tradução dos contos

5.1. Najkrajšie veci na svete

Môj starý otec hovorieval, že to najlepšie v živote by malo byť to, čo je ešte tajomstvom, a že dôležité je pokračovať v hľadaní. Byť nažive je hľadať, vysvetľoval. Bol to taký pracovitý a talentovaný detektív, používal skoro až lupu a ďalekohľad, mapy a archeologické nástroje. Mal výraz lovca pokladov a, v každom prípade, jeho oči sa leskli hlbokým bohatstvom. Pociťovali sme to v jeho objatí. Ja som hovorieval: vo vnútri objatia starého otca. Lebo on sa pre nás stal domovom ktorý nás prijímal. Takto objímať, možno preto že som chudý a ešte malý, je pre mňa obrovskou záhadou.

Viem, že tým chcel upozorniť na to, že je dôležité učiť sa. Vždy vysvetľoval, že učiť sa znamená zmeniť správanie, robiť niečo lepšie. Kto vie vždy všetko lepšie, a opakuje znova tú istú chybu, sa nič nenaučil, iba prišiel k informácií. Domnieval sa, že máme dostatok poznatkov na to, aby sme sa správali pozornejšie. Neúnavne ospevoval pozornosť. Bol to detektív vnútra, chcem tým povedať, že skúmal predovšetkým city. Keď som sa ho spýtal prečo, odpovedal mi, že len takto sa dá skutočne hovoriť o šťastí. K tomu, aby sa mohlo študovať ľudské srdce, je potrebná pozornosť chirurga. Neustále ma žiadal, aby som bol pozorný. Ak si pozorný, vidíš srdcia zobrať miery šťastia. Akoby na toto existoval nejaký meter.

Navrhoval, aby som odhaľoval hádanky a nejasnosti. Navrhoval, aby som lúštil logické záhady. Sľuboval mi novú knižku alebo nový zošit s mojimi obľúbenými žltými alebo červenými záložkami. Sľuboval mi, že ak nájdem všetky odpovede, tak ma znova objíme, ešte tesnejšie, ešte priateľskejšie. Nech už boli zošity akékoľvek dobré, naozajstným víťazstvom bola pre mňa hrdosť, ktorú som v tom náručí pociťoval. Začal som chápať, že žiadne víťazstvo ma nenaplní viac než to, že odhalím nejakú odpoveď a prídem tak k objatiu. Vždy keď naša hlava vyrieši nejakú záhadu, získame na veľkosti. Môžeme sa stať gigantmi plnými vnútorných vzdialeností, odlišných dimenzií, celými krajinami ideí a vymyslených vecí.

Chcel som byť vnímavý, bystrejší, stále inšpirovaný. Môj starý otec ma prosil, aby som nestrácal ilúzie. Kto stratí ilúzie, umrie vo svojom vnútri. Vravieval: je nutné žiť v radosť. Radosť je jediný liek na neodvratný smútok. Občas boli chvíle, keď sme sa rozprávali o smútku. Bolo zásadné vedieť že nastane a že nesie v sebe vyššiu silu.

Jedného dňa mi vysvetlil, že raz budem schopný klásť vlastné otázky, remeslo ešte ťažšie než hľadanie odpovedí. Sám budem schopný vymyslieť nejakú záhadu dokonca pre

mňa samého. Akoby som bol tunajšou a tamojšou stranou vecí. Tunajšia strana a tamojšia strana sveta. Kryštál vyžarujúci svetlo pre všetky zmysly.

Naučil som sa, že peniaze majú význam pri výmene za veci, ale nie za všetky. V každom prípade, môj starý otec ma naučil, že nemáme pripisovať toľko pozornosti cene ako hodnote. Veril, že svetu chýba viac vecí, ktoré nemajú cenu práve kvôli ich veľkej hodnote. V skutočnosti čím je ich hodnota väčšia, tým nemravnejšie by bolo ich predávať. To najcennejšie čo existuje by malo byť právom všetkých ľudí a rozdávané zadarmo, podľa potreby.

Naučil som sa, že zo semienka zasadeného do kúska vlhkej vaty môže vyklíčiť vysokánsky ker. Môj starý otec hovorieval, že semienka sú deťmi kameňa, ktoré sa rodia troškou vody. Akoby boli kamene tak smädné, až sa stali schopnými vymyslieť život, len aby sa mohli napiť.

Naučil som sa, že moja stará mama ochorela a musela zomrieť.

Bola veľmi chorá a aby mohla nájsť pokoj, musela stará mama zomrieť. Nebudeme s ňou môcť hovoriť, ale ona bude našim vnútorným dedičstvom, spomienkou ktorá ju ponechá živou.

Spýtal som sa, či starý otec nebude priveľmi smutný. Moja mama mi povedala že bude. Všetci budeme pociťovať hlboký smútok. Môj starý otec mi povedal, že budeme musieť hľadať šťastie tých ťažkých časov. Ak počkáme, jedného dňa dá smútok priestor oslave. Naučíme sa starú mamu oslavovať. Ale nikdy nebudeme len tak čakať. Čakanie je obradom mysle, ale neskôr je nevyhnutné sa pohnúť. Urobiť čokoľvek.

Prechádzali sme sa opakujúc mená všetkého, čo sme cestou videli. Ako sa volá každý strom a každý vták, čím sa odlišujú všetky tie kvety v záhrade našej slobodnej susedky. Susedka sa o kvety starala s nádejou, že príjemná vôňa života jej prinesie lásku. Mali sme ju veľmi radi. Môj starý otec si všímal, že vždy vyberala srdcom. Mala dômysel jedine pre lásku. Mohla hrubo pochybiť vo vedách, ale určite by jej to zaistilo šťastie, len čo by ju objavil nejaký muž s túžbou ženiť sa.

V tej dobe sa ma starý otec spýtal, ktoré by mohli byť najkrajšie veci na svete. Nevedel som, čo mám povedať. Myslel som, že by to mohol byť západ slnka, more, klíčenie v zime, veľa dažďa, správanie sa kryštálov, ženské tváre, cirkus, psi a vlci, domy s komínmi. On sa usmial a chcel vedieť, či by to nemali byť priateľstvo, láska, úprimnosť a veľkorysosť, byť verným, slušne vychovaným, majúcim úctu ku každému človeku. Uvažoval nad tým, či by nebolo to najkrajšie na svete robiť všetko čo vieme a môžeme preto, aby bol život každého lepší.

Bol som ohromený jeho ponímaním krásy.

Zahŕňal spôsoby bytia, tieto zložité prísady z ktorých sa skladá recept charakteru či osobnosti, trošku nevysvetliteľný spôsob toho ako existujeme a všetko pociťujeme.

Presvedčil som sa, že najkrajšie veci na svete sa predstavovali ako tie najhlbšie a najnevyhnutnejšie záhady. Boli značne neviditeľné a fungovali cez pochybné znaky, ktorými nás klamali či už pre hanbu, alebo kvôli ľstivosti. To, čo ľudia cítia, je skoro vždy maskované. Niečo také, ako keď sa na krásu položí plachta aby sa nezašpinila či ju neukradli, aby sa neopotrebovala alebo sa neunavila.

Krásu, pochopil som, je v podstate myšlienka, to, čo sa inteligentne naučíme myslieť. Sila myslenia by mala vytvoriť veci neuveriteľné, vedecké, intuitívne, nádherné, hlboké, potrebné, dojemné, záchranné, oslnivé či priateľské. Myslieť je ako konať.

V krásu je nevyhnutné veriť. Kto neverí, nie je pripravený byť lepším než už je. Dokonca aj k tomu, aby sme videli skutočnosť, je potrebné veriť. Moja mama povedala, že sa zo mňa stal snílek. Viem dobre, že aby sa svet zmenil, je potrebné snívať za bdela. Len tí, čo sa vzdali, si nechávajú sny na čas spánku.

Keď som dovŕšil desať rokov, môj starý otec musel zomrieť. Môj otec ma zobral prejsť sa a popremýšľať. Šli sme premýšľať. Akoby sme šli pomenovať vtáky a stromy, pozrieť susedkine kvety a dokonca rozpoznať zloženie kameňov. Ale to som sa už naučil a nemal by som to zabudnúť. Povedal som: možno som sa nič nenaučil, lebo je pre mňa veľmi ťažké zmeniť správanie, chce sa mi jedine plakať, otec.

Môj otec odpovedal, že starý otec bol so mnou vždy šťastný, ale veľmi zostarol, unavil sa, umrieť bolo už len ísť si odpočinúť.

Cítil som, že odpočinok bol veľký ako naša samota.

Neskôr som dodal: existuje šťastie pre ťažké časy. Viem, že je dôležité ho naďalej hľadať. Nie som si istý, či som porozumel krásu, ale budem sa na ňu plne sústrediť. Prisahal som, že budem veriť. Vždy som veril, aj predtým, než som vôbec vedel, nakoľko.

Uložili môjho starého otca pod kvetiny, akoby to bol starý mládenec, čakajúci na lásku.

Cítil som, že som sa ocitol na vonkajšej strane, mimo objatia, akoby ten dom odišiel s nejakou búrkou a zo mňa sa nenapraviteľne stal bezdomovec. Pomyslel som si: mimo objatia starého otca. Vzal som obrázky aby som mu porozprával krátky príbeh. Nakreslil som môjho starého otca ako sa prechádza, potom ako sedí na brehu riečky, a taktiež ako sa so zdvihnutou rukou snaží stehlíkovi poslúžiť ako strom. Nakreslil som môjho starého otca ako nahlas číta knihy a opakuje, že polievka je okrúhla ako slnko a osvecuje náš hlad. Nakreslil

som ako sa smejeme. A nakreslil som jeho objatie. Pomyslel som si: v srdci sa nájde vždy jedno objatie. Začal som žiť hlavne vo vnútri srdca, ako v dome, ktorý nemôže odísť.

Pochopil som, že môj starý otec bol ako všetky tie najkrajšie veci na svete spojené do jedného. Pochopil som, že urobiť mu zadosť spočívalo v tom pochopiť, že jedného dňa možno vo mne niekto rozpozna jeho vplyv a možno ma bude považovať jemu podobnému. Či už skôr z pochybenia alebo z cnosti, sľúbil som, že sa o to pokúsim.

V noci si ako semienko líham na vlhký vankúš srdca. Zostávam zasadený v nádeji nádherne rásť v láske. V pravej láske je všetko navždy živé. A viem, že ako kamene, žijem zo smädu. Chcem znova a znova vymyslieť život.

5.2. Chlapec z vody

Chlapec sa rozplával za veľkou vlnou a nevrátil sa. Matka načiahla ruky do vody a hľadala jeho rozpustené telo. Usúdila, že sa syn rozpustí ako kocka cukru neschopná osladiť more. Prisahala, že ho bude hľadať navždy. Spoznala by ho, aj keby sa už stal úplne nepatrným. Vedela by o ňom aj keď by sa ukrýval v tej najbezvýznamnejšej kvapke vody. Prisahala. Vždy by vedela, ak by jej bol nablízku.

Preplávala na koniec mora, k žraločím ústam, do veľrybích dutín, ponad slepé lodné útroby, v rybích myšlienkach a na ich chrbte, medzi pieskom, poza kamene a aj pod nimi. Hľadala v lesku svetla ktoré preniká dnu vodou a tvorí zo všetkého gigantický kryštál, možno bol teraz syn hviezdou, ktorá vedela len žiarit'. Matka hľadala na žiaru a akoby aj žiara pozorovala ju. Čakala a nech sa stane čokoľvek, bude navždy čakať.

Nikdy si neutrela telo dosucha, lebo voda bola teraz jej synom. Oblievala sa, rozprestrela ruky akoby radary túžiace po objatí a predstavovala si, že dieťa vytvára vlny. Možno boli vlny akýmsi spôsobom reči.

A ona sa vlnila. Cítila príliv a odliv ako dych kráčajúceho sveta. Cítila, že čas je pohyb a cesta. Akoby vedela, že čakanie jej vytvára neznesiteľný odstup, akoby sa celá planéta neustále posúvala na iné miesto. Akoby celá planéta odchádzala a ona potrebovala urýchlene konať.

Tiež myslela, že jej sušiace sa telo je neustály odchod jej syna. Keď pociťovala šatstvo a suchú pokožku, vravela si: odišiel. Akoby sa syn zdvihol z jej lona. Zo spánku na jej hrudi, ako to mával vo zvyku. Chlapec sa možno vyparil, aby mohol veci pozorovať z oblakov. Matka zostala sama. Uzatvárala sa do domu aby spomínala.

Myslela, že telo mora je bez výnimky telo jej syna, nerozlišovala ich. Horkosť soli ju nikdy neoklame pred neprítomnosťou bozkov, pred nostalgii bozkov a krehkosťou jej dieťaťa. Plavila sa vnútom syna. A práve preto sa natiahla a až potom sa upokojila.

Raz matka naplnila vodou jeden obrovský džbán a priniesla ho domov, a ani ho nevyliala. Uprene a s údivom naň hľadela. Leskol sa v popoludňajšom svetle rovnako ako taká tekutá lampa alebo nejaká skrytá hviezda. Opatrne džbán objala a dlho sa s ním mazala. Bolo to jedno z miest jej syna. Potom matka ponorila jedného vojačika aby sa voda mohla zahrať. Povedala: zahraj sa, synáček. Voda sa upokojila. Možno sa chlapec zahral len tým že sa leskol.

Zopakovala to každý deň, kým sa z celého domu nestalo more. More v priehľadných nádobách z rýdneho skla, cez ktoré ho pozorovala a vystavovala slnku. Potápala vlkov a pretekárske autička, superhrdinov a dinosaurov. Plavila v nich papierové lodičky a potápala

viac vojačikov. Hračkársku armádu, ktorá v priehľadnosti skiel bola taktiež v očakávaní. A matka skúmala hmýrenie vôd či väčší lesk aby zistila, či s ňou chlapec komunikuje. Kolovala rovnako ako nejaký vodný tvor, obozretná tanečnica, pomedzi posvätné nádoby, a z nich sa pomaly odparovalo, pomaly, bez toho aby si to všimla alebo si to priznala, matka sa pomstila zabitím mora. Potrebovala vidieť ako sa odparuje džbán po džbáne, o veľkosti malého chlapca, až donekonečna. Donekonečna by more milovala aj ho vinila.

5.3. Tvár

Dlhé roky sme žili sami na vrchole hory, kde bol iba náš dom, dvanásť stromov a veľa vtákov. Mali sme psa, ktorý veľmi rád štekal len preto že bol šťastný, alebo možno bol tak trochu blázon, lebo štekal bez dôvodu, kým my sme si robili svoju prácu.

Dlhé roky sme ja, moja mama a môj otec žili v tomto dome na vrchole celkom strmého kopca, na ktorý sa ťažko vystupovalo a z ktorého sa ťažko zostupovalo. Vysvetlili mi, že našou prácou je dívať sa do diaľky, a ja som sa díval do diaľky a ani som vedel, čo čakať a dúfal som, že jedného dňa lepšie pochopím, prečo sme to mali robiť.

Vídali sme v diaľke jednu veľmi úzku cestu, ktorá sa kľukatila po susedných kopcoch, raz sa niekde objavila, potom zmizla, a zase sa objavila akoby sa vynorila z hladiny sýtozelenej vegetácie. Oceán vetví.

Vídali sme, ako prechádzalo pár áut, veľmi zriedkakedy, a tiež stáda, ktoré pastieri poháňali, aby sa dostali na pastviny a napásli sa trávy.

Susedné kopce boli zahalenejšie než ten náš, ktorý sa zdal byť plešatý, akoby bez vlasov, keďže mal iba dvanásť stromov. Takto tam stál náš dom, na plešine kopca ako taký malý klobúk. Ja som si dokonca predstavoval, že náš kopec, tam pod tým, než sme boli my, mohol mať jedny oči a jedny ústa a tvoril tak veľmi pôvabnú hlavu, ktorá robila to isté čo my, dívala sa do diaľky.

Vídali sme, ako prichádzalo slnko a ako neskôr odchádzalo. Ako to robilo, že sa z jednej strany vynorilo, vyhuplo sa zo dna hlbokého lomu a ako počas celého dňa pokračovalo, aby sa skoro ponorilo do riečky. Počas leta slnko skončilo vždy v rieke, až sa zdalo, že sa šlo osviežiť.

Čo ak sme tam boli preto, aby sme dozerali na slnko. Aby sme vedeli, či prešlo svoju trasu bez omylu alebo či nezapadlo skôr než malo. Pýtal som sa, či sme tam preto, aby sme sledovali čas, aby nebol menší alebo väčší než mal byť.

Občas sme si ja, moja mama a môj otec sadli jeden vedľa druhého a pracovali sme na tom, aby sme videli diaľku. Všetci traja sme pozorovali aká pokojná je krajina, ako počuť malé syčanie vetra a šušťanie lístia. Rozprávali sme sa pomaly, pretože nebolo dôležité robiť nič rýchlo, ani tak rozprávať.

Všetci traja sme tam bedlivo sedeli a môj otec mohol z času načas zaspievať pieseň, lebo sa zdalo, že spád hory sa unáša zvukom a hlas zosilnieval. Už som vedel o ozvene a odrážaní sa. Hlas môjho otca sa rozrastal von horami a ladil, bol presvedčivý a jemný naraz.

Moja mama spievala tiež, ja som počúval a myslel som, že tá diaľka, do ktorej sme sa dívali, sa takto približovala. Došli sme k nej totiž hlasom, doplachtili sme hlasom dokonca aj k menej viditeľným zákutiam krajiny.

Väčšinou sme ale žili v tichu. Nechávajúc tak rastliny a hmyz, aby mohli vo vetre počas cesty viesť krátke rozhovory.

Ak niekto žije v tak veľkom tichu, sledujúc niečo tak vzdialeného, naučí sa lepšie vidieť. Naučí sa vidieť, čo sa práve môže diať podľa farieb jednotlivých vecí, podľa pohybu a dokonca podľa vôní.

Vždy sme veľmi dobre vedeli o búrke, a vedeli sme búrku veľmi dobre rozoznať od slabších dažďov a nikdy sme sa nesplietli ani pri studených jarných vetroch, ktoré boli prechodné a ak sme sa postavili na slnko, hriali.

Naučili sme sa vnímať, ako sa stáda šplhali svahmi a vedeli sme komu patria, aj keď sme sa tak málokedy videli s inými ľuďmi. A podľa pohybu stáda a času potrebnému na výstup a zostup zo svahu sme pochopili, či bolo väčšie alebo bolo menšie, keď hlad alebo obchod donútil dať dobytok utrať.

Bola to veľmi ťažká práca, pretože zatiaľ čo sme dozerali na jedno miesto, mohlo sa na inom stať niečo, o čom môj otec chcel vedieť, a on sa ma pýtal vždy na to isté, či som videl ľudí, koľko osôb, či prišli pešo, či mali auto alebo motocykle, či robili hluk alebo hovorili nahlas a či som počul čo hovorili.

Vždy som mal ťažkosti rozoznať, čo nie je dôležité od toho, čo bolo pre našu prácu zásadné. Práve preto som si pamätal nezmyselné veci a mohol som zabudnúť iné, tak cenné. A predsa, môj otec vyzeral trpezlivo, a mal čas čakať. Akoby očakával, že v istom momente bude práca dokončená a nebude treba viac pracovať. Čo by sa rovnalo tomu, že by sme tam už dlhšie nemuseli žiť, súdil som.

Vedel som, že jedného dňa budem musieť ísť do školy, už som dospieval do toho veku a moja mama už zišla dole stráňou, aby upozornila istých pánov, že je potrebné, aby školský autobus zastavil aj pred nami.

Znamenalo to, budem musieť ísť po našom svahu viac než pol hodinu až k cestičke a potom ešte pol hodinu k hlavnej ceste, kadiaľ má autobus každý deň v určený čas prechádzať.

Čo ma počas týchto dní, predtým než som šiel do školy, znepokojovalo, bolo či naša práca nezostane zanedbaná. Kto asi prevezme moju časť v dívaní sa do diaľky a kto bude skúmať nálady krajiny.

Náš pes sa stal ešte podivnejším, zdalo sa, že niečomu porozumel a štekal okolo mňa aby protestoval alebo mi dal niečo na vedomie, neviem ale čo.

Moja mama ho zahнала aby si šiel zahrať s vtáctvom. Chudák tvor, tým že odjakživa žil na vrchole hory, mal v hlave viac neba než zeme. Možno usudzoval, že lieta a že jediný rozdiel medzi ním a vtákmi bol vo farbe. Občas sa tak veľmi rozbehol a vyskakoval tak vysoko aby ich chytil, že dokonca aj my sme si mysleli, že ten šialený pes sa lietať naučí.

Ustarostení či nie, moji rodičia mi vysvetlili, že čas môjho odchodu do školy je zo všetkého ten najdôležitejší a že odteraz to bude moja hlavná práca. Pozrel som sa na naše lavičky. Pozrel som sa do diaľky a rozmýšľal som ako sa zmenia moje úlohy, mne sa zdalo, že tam mám všetko čo potrebujem.

Keď prišiel autobus, viezol tri deti z ešte vzdialenejších miest. Samozrejme, že to neboli prvé deti, ktoré som kedy videl, ale ja som nebol zvyknutý mať za spoločnosť deti. Každopádne, my všetci v horách sme už aj v predškolskom veku mali veľa práce a hrať sa bol až podivný nápad.

V škole, usadení do malých lavíc so zošitom a ceruzkou aby sme odpisovali písmená a číslice, nás bolo osem a učiteľka. Ona nám povedala že písmeno A môže byť pekné, môže byť škaredé, ako môžeme vidieť môže to byť písmeno ktorým sa začína a také ktorým sa zakončuje.

Naša učiteľka, pretože pochádzala z mesta, vysvetľovala že za každý jeden strom hory je v meste jeden dom. A že za každého vtáka alebo chrobáka sú v meste na uliciach ľudia. Mne napadlo aká ťažká by bola práca môjho otca, ktorý musí pozorne sledovať čo v krajine robia ľudia, ak by mal sledovať krajinu s toľkými ľuďmi.

Ešteže sme mali to šťastie že sa nám dostalo toho žiť na vrchole tak výnimočnej hory a mať za úlohu dívať sa do diaľky a dozerat' na tak veľký pokoj.

Jedného dňa nás učiteľka požiadala, aby sme porozprávali o našej práci. My, deti, ktoré medzi ceruzkami a zošitmi, skôr odpočinkovými hračkami, sme sa vracali domov školským autobusom ako rýchlo to len šlo, aby sme pomohli svojim rodičom.

Ja som vysvetlil ako sedávam na lavičkách, otočený raz na juh, raz na sever a vysvetlil som že krajina mení farby a pohyby, vydáva hlasné zvuky a iné nenápadné, a že treba vedieť, kam sa pozerat'. Potom som vysvetlil, že najdôležitejšie je pochopiť, čo sa deje v diaľke, tam kde sa nachádzajú izolovanejšie hory, kam skoro nikto nechodí. Môj otec hovoril, že ak by v týchto horách začalo na nešťastie horieť, mohol by horieť skoro celý svet, lebo čas by bol krátky na to, aby sa priniesla voda skôr, než by sa oheň rozšíril.

Vysvetlil som učiteľke, že v triede je všetko blízko a nič sa od ničoho nevzdďaľuje tak ako v krajine s horami. Ale učiteľka nesúhlasila. Povedala, že každá jedna tvár je nekonečná ako krajina a ak sa na ňu pozrieme sústredene, má skoro nekonečné vzdialenosti, ktoré je dôležité skúsiť prejsť.

V ten deň som sa zo školy vrátil akoby som mal otvorený poklop do hlavy a myšlienky mi ušli do vetra.

Zadával som sa na otca aby som zistil, či má na tvári niečo, čo by sa podobalo vzdialenosti hôr, meniacej sa zeleni, svahu pokrytému iba slnečným svetlom, háju ktorý sa rozprestiera ako koberec.

Zadával som sa na tvár svojho otca, aby som našiel, čím sa vzdďaľuje, keď mne sa zdalo, že ľudská tvár má všetko tak viditeľné na povrchu.

Keď náš pes prestal štekáť, priviedol som ho vedľa seba a pozorne som sa naňho zadával. Okrem vzdialenosti nosa vo vzťahu k očiam som nevedel ako chápať to, čo mi povedala učiteľka, veď v niečom výraze nebolo nič z krajiny.

Ale učiteľka to vedela lepšie než ja, a tak sa ma v škole rozhodla posadiť oproti mojim spolužiakom. Posadila ma na svoj stôl, kým ona prechádzala aby písala a mazala veci z našej tabule.

Zostal som oproti siedmim deťom, ktoré sa so mnou učili. Sedem tvári, ktoré viac alebo menej unavené, viac alebo menej hladné počúvali výklad učiteľky, ako len mohli.

Náhle, zatiaľ čo som tiež písal svoje písmená- a to som kreslil veľmi pekne už všetky samohlásky-, som si všimol, že jedno dievča sa rozptyľovalo dývaním sa do prázdna. Dívalo sa do prázdna, akoby to bola nejaká vec. Tvár mala zmeravenú a sústredenú na strop a okrem otvorených očí zostala zvláštna, akoby spiaca. Jej tvár, odhaľujúca všetko na povrchu, sa skutočne podobala na vzdialenosť krajiny. Do jej výrazu vošla vzdialenosť ktorá znemožňovala pre toho, kto ju videl, s istotou pochopiť čo sa odohráva v jej mysli.

Pochopil som, že do nášho vnútra vedie dlhá a vzdialená cesta. Vôbec nepozostávame z toho úplne okamžitého, čo vidíme na povrchu. Pozostávame z toho, čo vedie k duši a duša má úplne iný rozmer než telo.

Pochopil som, že k tomu aby sme videli osobu pravdivo je nutné rovnaké úsilie ako sedieť na našich lavičkách a dozeráť na to, čo sa deje v horách. Pochopil som, že vidieť osobu pravdivo je podobné ako predchádzať požiarom ako to robil môj otec, ktorý napokon lesným strážcom.

Tvár je mútnejšia než oblaky a môže byť oveľa zložitejšia než vedieť ,komu presne patrí stádo a či sa zväčšilo alebo sa zmenšilo. Tvár začína tam, kde je ju vidno a končí tam,

kde už nie je svetlo ani hlas. Práve preto, nech už ju pozorujeme ako najlepšie vieme, ešte veľa vecí nám ujde a dôležité je, aby sme zostali čo najviac pozorní aby sme jeden druhého spoznali.

Spoznal som lepšie svojho otca. Spoznal som lepšie svoju matku. Dokonca som spoznal lepšie nášho psa, ktorý je naozaj blázon, lebo som to videl v jeho tvári a vôbec. Pochopil som, že tvár je rozsiahla a nekonečná, schopná výrazov, ktoré časom spoznáme a iných, ktoré nikdy neuvidíme. Musíme byť pozorní počas celého života, ak tak neurobíme, stratíme veľa toho najdôležitejšieho z toho, čo sa okolo nás deje. Akoby nám horelo rovno pred očami a my by sme si to všimli až potom čo by všetko ľahlo popolom.

6. Tradução

A tradução é um processo complexo, cujo propósito foi definido por vários teóricos. Jean-René Ladmiral designa-o como a transmissão da informação duma língua-fonte para uma língua-alvo.¹ Teodor Hrehovčik sublinha a importância de conseguir a equivalência entre a informação na língua de partida e língua de chegada.² Valentín García Yebra amplifica esta ideia ao estabelecer uma “regra de ouro de toda a tradução”³ que resume assim: “dizer tudo o que diz o original, não dizer nada que o original não diga, e dizê-lo com toda a correção e naturalidade que permita a língua para a qual se traduz.”⁴ Para especificá-lo mais, o autor acrescenta que se trata de “[n]ão omitir. Não acrescentar nem alterar. Dizer tudo o melhor possível.”⁵ Esta definição parece resumir mais exactamente os critérios duma boa tradução. Podemos, então afirmar que o mais importante quanto o resultado da tradução é a fidelidade ao texto original. Contudo, para conseguir cumprir com as regras estabelecidas por Valentín García Yebra, é preciso definir os passos do processo de tradução.

De novo podemos reparar no que há várias maneiras de dividir o processo em partes. Valentín García Yebra fala sobre duas fases: a compreensão e a expressão.⁶ Isto quer dizer, que a primeira parte constitui em entender o texto original e a segunda parte compreende a manifestação criativa do tradutor. Jiří Levý estabelece três fases: compreensão do texto original, a sua interpretação e finalmente a reformulação deste.⁷ Teodor Hrehovčik oferece uma subdivisão mais pormenorizada que vamos ver a seguir.

Há um padrão de seis passos ao elaborar uma tradução segundo Teodor Hrehovčik:⁸

- **Preparação:** primeiro, destaca a importância da prática dos exercícios para melhorar as habilidades do tradutor como escritor criativo. A segunda fase de preparação está ligada com o texto destinado a traduzir. É preciso dar várias leituras para identificar a ideia principal, o estilo, as partes difíceis de compreensão. Esta parte inclui o estudo dos aspetos linguísticos ocorridos no texto.

¹ Jean-René Ladmiral, Traduzir: *Teoremas para a tradução*, Lisboa: Europa- América, 1979, p.15.

² Teodor Hrehovčik, *Prekladateľské minimum*, Bratislava: IRIS, 2006, p. 10.

³ Valentín García Yebra, *Traducción: Historia y Teoría*, Madrid: Gredos, 1994, pp. 430-431. Tradução nossa: “regla de oro de toda traducción”

⁴ Idem, *ibidem*, p.431. Tradução nossa: “decir todo lo que dice el original, no decir nada que el original no diga, y decirlo todo con la corrección y naturalidad que permita la lengua a la que se traduce.”

⁵ Idem, *ibidem*, tradução nossa: “No omitir. No añadir ni alterar. Decirlo todo lo mejor posible.”

⁶ Idem, *ibidem*, p. 312.

⁷ Jiří Levý, *Umění překlady*, Praha: Panorama, 1983, p. 51.

⁸ Teodor Hrehovčik, *op. cit.*, pp. 65-68.

- **Análise:** é importante identificar as palavras-chaves e encontrar as suas equivalentes na língua-alvo. Podem-se consultar dicionários, sempre tendo em conta o contexto no qual a palavra aparece. Destaca-se ainda a importância de identificar as partes introdutórias e finais do texto para entender mais o tema.
- **Transferência:** trata-se duma atividade na mente do tradutor, ele procura os equivalentes entre as duas línguas. É uma ponte entre a análise e a primeira versão da tradução.
- **Primeiro conceito:** o mais importante é definir a quem se vai dirigir a tradução. Ao traduzir, trabalhamos normalmente por parágrafos. O objetivo é entender a mensagem dos parágrafos e traduzir com a mais naturalidade possível.
- **Conceito revisto:** aconselha-se deixar o texto sem leitura por alguns dias, e fazer uma revisão depois. Deve-se focar em: correção das formas gramaticais, regência das palavras, ligações incoerentes de palavras, significados discutíveis, estilo. Ao encontrar alguma discrepância, tem de se voltar ao trecho problemático e traduzi-lo de novo. É imprescindível fazer a comparação com o texto original. Elabora-se assim a versão final da tradução.
- **Controlo da tradução:** é efetuado pelo mesmo tradutor por meio de auto-correção, mas também é bom fazerem-no mais pessoas. São várias as maneiras do controlo: comparação com o original, descompilação, controlo de entendimento, verificação da naturalidade e legibilidade do texto, controlo da consistência do texto. O mais importante é efetuar a controlo de maneira sistemática e crítica.

7. Análise da tradução

Como já foi mencionado, a tradução é um processo de vários passos e elaborar o texto na língua-alvo não é o último deles. Durante a transferência do texto de uma língua para a outra, deveríamos prestar atenção tanto à forma como ao conteúdo do texto original para recebermos um resultado verossímil. Ao procurar as expressões adequadas na língua-alvo podem surgir várias dificuldades. Nesta parte do trabalho vamos apresentar de que tipo de problemas se pode tratar. A seguir, vamos apresentar os trechos que trouxeram alguma dificuldade ao traduzí-los e vamos explicar e justificar as soluções por nós propostas.

As línguas com as quais trabalhamos no nosso caso- o português e o eslovaco- são bastante díspares. Por esta razão não é possível realizar entre elas uma tradução palavra por palavra.¹ Temos de trabalhar com as ideias no texto na sua totalidade e transmití-las muitas vezes com outras palavras ou expressões. As línguas não se diferem exclusivamente no que diz respeito à gramática, mas também no modo como percebem a realidade extralinguística. Este facto nos leva frequentemente à necessidade de expressar a mesma ideia com palavras ou até imagens pela primeira vista totalmente diferentes para atingir o mesmo efeito que o original. Como afirma Jiří Levý, “[o] tradutor é principalmente um leitor.”² Desta declaração podemos perceber a importância de ler e compreender bem o texto antes de o traduzir, para que o leitor do texto traduzido possa contar com as mesmas possibilidades de interpretar o texto traduzido como o faria com o original. Nem sempre se trata então de problemas, às vezes só é preciso prestar mais atenção para descobrir tudo o que o texto na língua-fonte esconde para podermos transmitir todas as ideias nele incluídas.

7.1. Classificação dos problemas

Durante o processo de tradução surgem questões de vários géneros. É bastante difícil classificá-los duma maneira clara. Vamos aproveitar uma classificação apresentada por Jiří Levý, que corresponde bastante bem às nossas necessidades. Os seus critérios são os seguintes: a relação entre os sistemas das duas línguas, os vestígios da língua-fonte na estilização da tradução e a tensão no estilo da tradução devida a que a ideia se transfere a uma língua diferente daquela na qual foi construída.³ Vamos partir desta classificação, definindo em cada grupo quais são os aspetos que ali pertencem.

¹ Valentín García Yebra, *Traducción: Historia y Teoría*, Madrid: Gredos, 1994, p. 429.

² Jiří Levý, *Umění překlada*, Praha: Panorama, 1983, p.47. Tradução nossa: “Překladatel je v prvé řadě čtenář.”

³ Idem, *ibidem*, p.67.

7.2.A relação entre os sistemas de duas línguas

Este grupo abrange uma vasta gama de aspetos que podem causar discrepâncias. Primeiro deveríamos mencionar as diferenças no nível gramatical. As duas línguas que tratamos no presente trabalho têm o sistema gramatical bastante distinto, por isso há aspetos nos quais diferem fundamentalmente. Por esta mesma razão estes fenómenos aparecem com muita frequência também nos textos por nós escolhidos. Por questões de extensão deste trabalho, vamos só mencioná-los e deixar mais espaço aos exemplos mais específicos, não tão típicos para todos os textos traduzidos de alguma língua românica para outra eslava. Podemos enquadrar nesta categoria fenómenos como a concordância dos tempos, as frases com gerúndio, infinitivo ou participio, etc. Esta problemática é bastante geral e já lhe foram dedicados muitos estudos.

7.2.1. Palavras sem equivalente na língua-alvo

Passando agora para os aspetos mais específicos desta categoria, começamos com alguns exemplos das palavras que não têm um equivalente na língua-alvo. Temos dois exemplos de expressões, cujos componentes têm equivalentes no eslovaco, só que, traduzindo-os palavra por palavra perdem o seu sentido. Trata-se das expressões «por mais que» e «e tudo». No caso de «por mais que», não há uma expressão determinada no eslovaco que seja equivalente. Dependendo do contexto, há várias formas como se pode solucionar a transferência desta expressão. No conto escolhido, o contexto é o seguinte: «...por mais que observemos, ainda muita coisa há de nos escapar...». O que deveria ser mais destacado deste segmento na tradução é o tamanho de empenho que a um custa a observação. Por esta razão optámos no eslovaco pela formulação «...nech už ju pozorujeme ako najlepšie vieme, ešte veľa vecí nám ujde...», na qual fica clara a antítese do muito esforço contra o resultado imperfeito.

No caso da expressão «e tudo», a situação é parecida. Esta fórmula, no português, costuma-se colocar no fim da frase. Usa-se, quando o falante enumerou as suas razões e quer dizer que com estas se justifica a sua atitude. No eslovaco, usamos para exprimir o mesmo a palavra com o sentido literal oposto «a vôbec».

O exemplo a seguir difere dos acima citados naquilo que um elemento dele não tem equivalente na língua-alvo. Na expressão «rapaz casadoiro», é preciso partir do significado do adjetivo para poder procurar uma solução no eslovaco. Os dicionários

coincidem na definição da palavra casadoiro, como “que está em idade de casar”⁴. Como no eslovaco não existe nenhuma expressão para exprimir este conceito, foi preciso recorrer a uma forma perifrástica. Mesmo assim, tem de se considerar, qual aspeto se costuma sublinhar mais na realidade extralinguística na dada língua. No eslovaco, falando nos assuntos como os planos de casamento, destaca-se mais do que a idade, a vontade de casar de alguém (na linguagem coloquial usa-se muito a expressão «vydajachtivé dievča», que se refere a uma menina que quer casar). É por isso, que para o eslovaco traduzimos a expressão como «muž s túžbou ženiť sa», que seria em português «rapaz com o desejo de casar», que enquadra melhor no estilo do conto.

Outro subgrupo desta categoria formam as palavras com mais significados possíveis na língua-fonte. Há situações quando o contexto ajuda. Foi este o caso da palavra «perceber» que apareceu mais vezes em contextos diferentes e requereu traduções diferentes. No caso de «...os seus olhos reluziam de uma riqueza profunda. Percebíamos isso no seu abraço.» na tradução usámos a expressão «pocit’ovali sme», onde a palavra tem o significado de ter uma perceção através dos sentidos. Em outro conto citado, a palavra aparece repetida três vezes numa sequência de dois parágrafos: «[p]ercebi que para dentro de nós há um longo caminho e muita distância.», «[p]ercebi que ver verdadeiramente uma pessoa obriga a um esforço[...]Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa também é como prevenir os fogos...». Nos três casos citados a palavra se refere mais a aquisição de algum conhecimento, por isso a traduzimos como «pochopil som», quer dizer, «compreendi».

Também é o caso do verbo medir. Este no contexto «medir os humores da paisagem», aproxima-se ao significado «observar», enquanto noutras formas se refere à determinação de extensão de alguma coisa.

Temos ainda casos um pouco mais difíceis devido a que o contexto não determina exclusivamente uma interpretação possível do significado. Acontece isso com a palavra «educado», que aparece num contexto muito amplo, incluída numa enumeração dos conceitos considerados como os mais lindos no mundo. A palavra como tal pode ter o significado de bem-educado no sentido de como agimos, ou pode também indicar a alguém que tem um alto nível de conhecimento. Como as expressões que antecipam e seguem a palavra são: «amor, honestidade, generosidade, o ser-se-fiel, o ter-se-respeito por cada pessoa», optámos por considerar neste contexto o significado mais adequado a primeira opção mencionada, a qualidade de ser bem-educado.

⁴ *casadouro* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-05-15 13:31:27]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/casadouro>

Outro exemplo parecido é o da palavra «conduta». Pode referir-se tanto a direcção de algo, quanto a maneira de comportamento. O contexto não contribui muito para esclarecer o significado, pois aparece nas formas «mudar de conduta» ou «ter uma conduta mais cuidada». Devido a que se falou da mudança da conduta como de resultado da aprendizagem, traduzimo-lo ao eslovaco como «správníe» o que é aproximado ao segundo significado possível dos expostos.

7.2.2. Idiomatismos

Mais um subgrupo é o dos idiomatismos. Em alguns casos não é tão difícil adivinhar o seu significado e encontrar assim um equivalente no eslovaco. A solução nestes casos foi encontrar uma definição em português e procurar um idiomatismo no eslovaco. Houve expressões como «à flor da pele», que não tem par na língua-alvo. Por isso traduzimos só a sua definição, com uma estrutura de matiz enfático «tak viditeľné na povrchu».

Outras expressões deste tipo se podem traduzir sem maiores dificuldades, só que se perde um pouco da singularidade da linguagem. É o caso de «ter o ar», que na tradução tem simplesmente o sentido de «ter a expressão».

Nos casos como na frase «[a carrinha] vinha com três crianças», a construção é muito típica para a língua-fonte, mas na língua-alvo é preciso fazer alguma alteração para que soe mais natural. Optámos por isso pela formulação «viezla», que expressa mais claramente que a carrinha levou alguma coisa.

7.2.3. Decalque

Uma categoria aparte seria a do chamado decalque. Trata-se de um empréstimo de outra língua, porque traduzem-se os componentes da palavra na língua-fonte. Surge assim uma palavra nova na língua-alvo. Valentín García Yebra diz que este fenómeno é enriquecedor para a língua-alvo, sendo mesmo fruto da rejeição de o tradutor traduzir a palavra.⁵ No nosso caso, o que levou ao uso de decalque foi o facto, que na língua eslovaca não existe um equivalente para a palavra dada. A palavra «superherói» tem tradução, mas só na língua coloquial, ainda não se encontra nos dicionários. A primeira parte da palavra, o prefixo de origem latina «super-», é frequente no eslovaco por isso não precisa de ser traduzido. A segunda parte «herói» não causa nenhum problema para ser traduzido em «hrdina». Juntando os dois componentes surge a palavra «superhrdina».

⁵ Valentín García Yebra, *Teoría y práctica de la traducción*, Madrid: Gredos, 1989, p.341.

7.3. Os vestígios da língua-fonte na estilização da tradução

Dentro de este grupo vamos tratar dos trechos, que durante a primeira revisão da tradução se demonstraram artificiais na língua eslovaca. Os tradutores tendem à maior aproximação possível ao texto original, e por isso podem criar construções que não enquadram bem ao vocabulário da língua-alvo. Vamos indicar, a seguir, quais foram as secções problemáticas e como as corrigimos.

São incluídos neste subgrupo os casos, nos quais as expressões têm um equivalente no eslovaco, mas o contexto não requer o uso de expressões tão específicas. Um exemplo disso é o nome «pé-de-feijão», que é um termo botânico. Para esta palavra existe um equivalente «dlháň», mas o uso dele no eslovaco é muito raro, por isso num conto poderia parecer inapropriado. Para compreender o trecho onde a palavra aparece, é bastante sabermos que se trata de uma planta, assim o termo biológico foi substituído pela palavra mais geral «ker», que focaliza mais no aspeto do tamanho do feijão.

Outro exemplo está na parte inicial do conto O menino de água, onde há uma descrição dos lugares nos quais a mãe procura o seu filho perdido. A enumeração é bastante cumprida, o autor quer dizer com isso, que a mãe realmente procurou em todos os lugares, até nos sítios mais escondidos. Um elemento da enumeração é também o «vazio das baleias», expressão inventada pelo autor, por isso sem um equivalente dado na língua-alvo. Usou-se aqui um processo oposto ao do exemplo anterior, pois na versão eslovaca utilizámos a expressão «veľrybie dutiny», que é a denominação para as cavidades das baleias.

7.4. Transferência de expressões com dois sentidos

Esta categoria abrange problemas bastante complexas, que combinam em si dificuldades tanto de nível lexical como significativos. Pertencem a este subgrupo os jogos com as palavras e ideias do autor, que ao traduzir, requerem muito empenho e criatividade por parte do tradutor. Na maioria das vezes trata-se de palavras que têm mais de um sentido e o autor se aproveita disto. Se o tradutor quer manter ambas as interpretações possíveis, tem de procurar um equivalente ou fazer outra recompensa. Como cada língua é muito específica, este esforço pode levar a certa tensão na construção na língua-alvo.

Um caso destes é a frase «[e]la dizia-nos que a letra A pode ser linda, pode ser má, já se cá vê que há tal letra no que começa e no que finda.» Primeiro, temos de interpretar a ideia da frase. Ela [a professora] considera a letra A linda, porque se pode começar com ela, e ao mesmo tempo está presente na palavra «começar». A mesma letra pode ser segundo ela

má, porque pode terminar alguma coisa, e também está presente na palavra «findar». É claro, então que o autor usou duas palavras que estão em contraste- começar e findar. Traduzindo estas palavras para o eslovaco, enfrentamo-nos com um problema. A palavra começar «začať» é conveniente, pois tem em si a letra A. A dificuldade é causada pela palavra findar, em eslovaco «končiť». Como não contém a letra A, tem de se fazer uma alteração. Optámos pela forma «zakončiť», que leva em si mais o significado perfeitoivo. Não há na frase nenhuma razão específica para usar a forma perfeitaiva do verbo, mas nem há razão para o contrário. Neste caso esta alteração não traz consigo nenhuma mudança grave no significado da frase, também é bastante natural para os ouvidos. A alteração foi mesmo necessária, pois sem ela a frase teria perdido o seu sentido.

Outro caso problemático e ainda mais complexo é o seguinte: «[s]e prestares atenção vês corações e podes tirar medidas à felicidade. Como se houvesse uma fita métrica para isso.» Aqui, o autor joga com os dois significados da expressão «tirar medidas». Este, pode ter um significado literal, quando alguém faz medições no sentido físico, para saber quais são as extensões de alguma coisa. Outro significado possível é a criação ligada ao facto da existência da expressão «tomar medidas» que significa «fazer os passos precisos de atingir algo». De novo seria conveniente encontrar algum equivalente no eslovaco que permitisse as duas interpretações. Como não há uma lógica entre a associação dos dois significados com a mesma palavra em português, não foi possível fazer o mesmo jogo de palavras na língua-alvo. Jiří Levý sugere decidir qual dos possíveis significados se mostra mais relevante no dado contexto⁶. Neste caso ganhou o primeiro significado mencionado. Para que não se perca o segundo significado, é possível uma recompensa, quer dizer, a extensão da frase com a explicação explícita do segundo significado. O lado negativo deste fenómeno é que o leitor não precisa de tanta interação, perde o desafio de ser ele a encontrar o sentido escondido.⁷

7.5. Linguagem figurativa

Uma categoria aparte é constituída pelos aspetos da linguagem. Esta é um componente fundamental, visto que caracteriza tanto o autor como o género. Na parte da análise literária dos textos já foram descritos as suas características gerais, neste capítulo examinar-se-á quais foram concretamente os elementos em questão. Muitas vezes a parte difícil nem é a formulação na língua-alvo, mas o descobrimento de tais características para poderem ser

⁶ Jiří Levý, *Umění překlady*, Praha: Panorama, 1983, p.128.

⁷ Idem, *ibidem*, p.146.

conservadas no texto traduzido. O trato da problemática permite ser dividida em três partes: uma mais geral, outra dedicada aos tropos e a terceira às figuras.

Como já foi dito, os contos são dedicados a uma escala grande de idades, têm de ser percebidos não só pelo leitor adulto, mas também pelas crianças. Este facto leva à necessidade de usar palavras que se acercam à linguagem infantil. Na prática, ao ter mais possibilidades de traduzir uma palavra concreta, temos de escolher a forma que será a mais fácil para perceber. Também dever-se-iam evitar os termos técnicos.

7.5.1. Figuras

Os textos escolhidos são bastante ricos em figuras. Estas determinam numa certa maneira o ritmo, a fluidez do texto. Às vezes podem dar uma impressão perturbadora e o tradutor tende evitar tantas repetições, mas dando uma leitura atenta ao texto, estes elementos têm a sua lógica e justificação no seu lugar.

Nos textos há muitos exemplos de anáfora. Este recurso se manifesta como a repetição da mesma expressão ou do mesmo segmento no início dum parágrafo. Em alguns casos, o autor colocou a mesma expressão também dentro do parágrafo. O uso deste tipo de repetições é muito frequente no conto *O rosto* («durante muitos anos...»).

Estreitamente ligado a este elemento é o paralelismo. O autor apresenta uma ideia, e volta para ela numa parte mais avançada do texto, fazendo alguma alteração na ideia original. Para o tradutor é importante encontrar a presença desta figura, para traduzir as expressões da mesma maneira e dar assim oportunidade para o leitor poder identificá-la também. Um exemplo disso é a imagem da metáfora da vida no conto *As mais belas coisas do mundo*.

Há nos textos também colocações de palavras não habituais. O tradutor sempre tende a optar pelas expressões que soam mais natural na sua língua. O problema é que há casos, quando o uso destas colocações é intencional por parte do autor. Como exemplo se pode apresentar «tempo pequeno» ou «precisar de morrer». Estas combinações não são habituais nem em português, nem no eslovaco. O autor talvez quis aproximar-se mais à fala infantil, que ainda não é tão determinada pelas convenções do uso da língua.

Por último, merece mencionar ainda as onomatopéias. Nestas palavras trabalha-se com o material sonoro da língua. Temos num dos textos o exemplo «silvo pequeno do vento» e «marulhar das folhas». Estes verbos imitam os sons da natureza, no eslovaco foram escolhidas as formas «syčanie» e «šuš'anie».

7.5.2. Tropos

A linguagem dos contos é muito poética, contêm muitas expressões com sentido figurativo. Outra vez vale, que é grande a importância de manter a possibilidade para o leitor descifrar a imagem. Às vezes é difícil descifrar se ainda se trata de uma metáfora criada pelo autor, ou as palavras são já lexicalizadas na dada forma. Por exemplo, temos no texto a expressão «encosta» do monte. Expressão que, como explica Valentín García Yebra⁸, nasceu da associação do monte à uma fiera. A denominação do parte do seu corpo passou a ser a denominação da parte do monte, deixou de ser assim uma metáfora. Muitas vezes as palavras criadas desta maneira, partindo de uma metáfora, perdem também o seu significado original. Voltando ao exemplo do monte, temos no texto outro trecho onde está descrito. Nesta parte sim, trata-se de expressões metafóricas criadas pelo próprio autor. Com a ajuda de uma série de metáforas e comparações ele personifica o monte. Faz um paralelo entre a cabeça do ser humano e o monte, onde as partes da cabeça humana têm os seus elementos correspondentes. No caso das metáforas já lexicalizadas não é preciso refletir a associação original na tradução. Se a metáfora é criada pelo autor, tem de se manter o léxico por ele utilizado também na língua-alvo.

A estrutura «tinha mais céu dentro da cabeça do que terra» mostra-se também interessante. Pela primeira vista pode causar uma impressão caótica, mas analisando-a mais por perto podemos ver a lógica de tal construção. O núcleo dele é a palavra cabeça, sinónimo da palavra testa, cuja origem é latina. No latim, esta expressão referia-se, segundo as pesquisas de Valentín García Yebra⁹, a um tipo de pote no qual se criavam plantas. Continha então terra, o que podia levar o autor a criar este jogo com a língua. Considerando o contexto fica claro para o leitor o que o autor quis dizer com isso, que o cão achava que o seu lugar era no céu, voando com as aves, e não caminhando pela terra. Como no eslovaco não é possível expressar a associação acima explicada, mas posto que a mensagem principal da estrutura destacada é perceptível para o leitor até sem entrar demasiado em pormenores, na forma eslovaca traduzimo-la palavra por palavra.

Outras expressões metafóricas que apareceram no texto eram «ter a tampa da cabeça aberta» ou o avô que «se tornou numa casa» para acolher os seus netos.

⁸ Valentín García Yebra, *Teoría y práctica de la traducción*, Madrid: Gredos, 1989, p.100.

⁹ Idem, *ibidem*, p.101.

8. Conclusão

A finalidade deste trabalho foi, além dos objetivos académicos, fazer possível a leitura de três contos de Valter Hugo Mãe para um círculo pequeno de leitores. Uma das finalidades foi também a introdução da problemática da tradução como tal, cujo resultado é uma comparação da sua percepção através das definições dos teóricos da tradução. Durante o processo da tradução surgiram muitas questões, discrepâncias, as quais incitaram à consulta da literatura especializada. A parte de tudo o que foi escrito no trabalho, o processo contribuiu em aprender como abordar as peculiaridades que surgiram e como usar as fontes.

Ao construir a parte que trata sobre o autor efetuou-se a leitura de muitas entrevistas com ele, o que ajudou a acercar-se mais aos seus pontos de vista e perceber assim melhor a sua obra. Estes conhecimentos foram úteis na parte seguinte, dedicada à análise dos contos. Construiu-se assim uma imagem mais ou menos complexa sobre o autor, que permitiu uma análise mais profunda dos textos escolhidos.

Durante a tradução apareceram dificuldades que durante a leitura não pareciam nada problemáticas. Uma vez encontrou-se uma solução adequada sem muita pesquisa, outras foi preciso de se socorrer às sugestões que ofereceram os teóricos da tradução. Os problemas apareceram em mais níveis: quer no plano da gramática causado pelas grandes diferenças entre o português e o eslovaco, quer se tratou do vocabulário poético do autor o qual representou uma realidade extralinguística diferente daquela a qual nós somos acostumados aqui. A complexidade também teve origem no facto, de que o texto, mesmo sendo escrito em prosa, tem um forte carácter poético, foi então rico para nas expressões difíceis de traduzir.

Em todos os casos encontramos uma solução, e como produto, elaborou-se uma tradução, que pode servir como ponto de partida para um tradutor com mais experiência. Neste espaço bastante limitado conseguiu-se, além deste «produto», acercar o possível leitor à problemática da tradução literária, e introduzir brevemente uma parte do trabalho de Valter Hugo Mãe.

9. Resumo

Cieľom tejto bakalárskej diplomovej práce bolo vytvoriť podklad pre možný budúci preklad troch poviedok súčasného portugalského spisovateľa Valtera Huga Mãe. Ide o autora, ktorého knihy sú známe nielen v portugalsky hovoriacich krajinách, ale napriek tomu u nás ešte nevyšiel žiaden preklad jeho diela.

Samotná práca sa dá rozdeliť na dve hlavné časti. Prvá je venovaná predstaveniu autora a zbierky *Contos de cães e maus lobos*, z ktorej boli k prekladu vybrané tri poviedky. Boli definované hlavné charakteristické vlastnosti zbierky, následne sme pristúpili k analýze konkrétnych poviedok. Pri tých sme sa zamerali na jazykový prejav autora, na motívy či už individuálne, alebo tie, ktoré poviedky navzájom spájajú.

Druhá časť začína samotným prekladom poviedok. Nasleduje krátky úvod do teórie prekladu, v ktorom sú definované jeho hlavné ciele a princípy k jeho vytvoreniu. Ako základ slúžili poučky z diel domácich a zahraničných teoretikov. Tieto zdroje boli použité aj v ďalšej kapitole venovanej problematikým častiam prekladu. Úseky, ktoré sa počas prekladateľského procesu ukázali ako sporné, boli rozdelené do viacerých kategórií podľa príčiny, ktorá ich spôsobila. Problémy boli vysvetlené na konkrétnych príkladoch a bolo odôvodnené ich riešenie.

Výsledkom tejto práce je preklad, ktorý môže slúžiť ako východisko k jeho ďalšiemu prepracovaniu skúsenejším prekladateľom. Práca taktiež poskytuje základné informácie o autorovi a jeho zbierke poviedok. V neposlednom rade dáva táto práca priestor na praktické využitie poznatkov z oblasti prekladu, teórie literatúry a portugalského jazyka ako takého, získaných počas bakalárskeho štúdia portugalskej filológie.

Summary

The aim of this bachelor's thesis is to create a base for a possible translation of three short stories of the contemporary Portuguese writer Valter Hugo Mãe. Although the books of this author are known not only in the Portuguese-speaking countries, no book of his has been translated in our country yet.

The thesis itself can be divided into two parts. The first one is dedicated to the introduction of the author of the collection *Contos de cães e maus lobos*, from which three short stories were chosen for translation. After the definition of the main characteristics of the collection we approached to the analysis of the three short stories. In those, we focused on the language style of the author, on the motifs, on the individual ones, as well as the ones that are connecting the three short stories.

The second part begins with the translation of the short stories. It is followed by a brief introduction to the theory of translation, in which its main aims and principles of its creation are defined. This part was based on the definitions of national and foreign theorists. These sources were used as well in the chapter dedicated to the problematic parts of the translation. The sequences that seemed to be debatable during the translational process were divided into various categories, according to the reason that caused the issue. These were explained with specific examples and their solutions were justified.

The result/ product of this thesis is a translation, that could be used as a base for future modifications for a translator with more experience. The work also provides basic information about the author and his collection of short stories. Moreover, it gives space to the practical utilization of the knowledge in the area of translation, theory of literature and the Portuguese language itself acquired during the studies of Portuguese filology.

10. Bibliografia

Fonte primária:

MÃE, Valter Hugo. *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora, 2015.

Fontes secundárias:

GARCÍA YEBRA, Valentín. *Teoría y práctica de la traducción*. Madrid: Gredos, 1989.

GARCÍA YEBRA, Valentín. *Traducción: Historia y teoría*. Madrid: Gredos, 1994.

HEČKO, Blahoslav. *Dobrodružstvo prekladu*. Bratislava: Slovenský spisovateľ, 1991.

HREHOVČÍK, Teodor. *Prekladateľské minimum*. Bratislava: IRIS, 2006.

LADMIRAL, Jean-René. *Traduzir: Teoremas para a tradução*. Lisboa: Europa-América, 1979.

LEVÝ, Jiří. *Umění překladau*. Praha: Panorama, 1983.

MOUNIN, Georges. *Teoretické problémy překladau*. Praha: Karolinum, 1999.

Webgrafia:

COUTINHO, Isabel. “o escritor que não usa maiúsculas para o leitor ficar sem travões”.

Revista Ípsilon, 01/08/2008. Disponível em:

<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/files/2008/08/valter-1.pdf>,

<http://blogues.publico.pt/ciberescritas/files/2008/08/valter2.pdf>. (acessado em: 29/04/2017)

FRANZ, Marcelo. “Minúsculos maiúsculos: a poesia da prosa de Valter Hugo Mãe”

Revista Convergência Lusitana, n.33, janeiro- junho de 2015. Disponível em:

<http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=3516> (acessado em 05/06/2017).

GOVERN, João. “Valter Hugo Mãe: O politicamente correto lixou-nos a todos.” Disponível

em <http://www.dn.pt/portugal/entrevista/interior/valter-hugo-mae-o-politicamente-correto-lixou-nos-a-todos-5345869.html> (acessado em 05/06/2017).

GUERREIRO, Emanuel. “A Leitura como “máquina de fazer sentir”: Contos de Cães e Maus Lobos de Valter Hugo Mãe”

Revista FronteiraZ, nº 17, dezembro 2016, p.189. Disponível em:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/issue/view/1709> (acessado em 05/06/2017).

GÜTHER, Marcela. “Lidando com a morte: o luto em duas obras literárias”.

Homo Literatus, 21/03/2015. Disponível em: <http://homoliteratus.com/lidando-com-morte-o-luto-em-duas-obras-literarias/> (acessado em:06/06/2017).

QUIEROZ SILVA, Danilo Sales de. “Valter Hugo Mãe na cena literária contemporânea”

Revista LitCult – Vol.8- 1. semestre 2015. Disponível em:

<http://litcult.net/category/revista-litcult/revista-litcult-vol-8-1-semester-2015/> (acessado em 05/06/2017).

Websites:

Dicionário Priberam de Língua Portuguesa.

<https://www.priberam.pt/dlpo/>

“Entrevista a Valter Hugo Mãe”.

revista Estante, disponível em: <http://www.revistaestante.fnac.pt/entrevista-estante-valter-hugo-mae/> (acessado em 05/06/2017)

Infopédia- Dicionários Porto Editora.

<https://www.infopedia.pt/>

Lingea.

https://slovniky.lingea.sk/?t=sk&w=&set=_ptsk

Slovenské slovníky.

<http://slovniky.juls.savba.sk/?w=&s=exact&c=C2c0&d=kssj4&d=psp&d=sss&d=scs&d=sss&d=peciar&d=hssjV&d=ber nolak&d=obce&d=priezviska&d=un&ie=utf-8&oe=utf-8#>

11. Anexos

Os textos originais

O menino de água

O menino nadou para depois de uma onda grande e não voltou. A mãe estendeu as mãos na água buscando o seu corpo diluído. Julgava ela que o filho se diluía como um cubo de açúcar incapaz de adoçar o mar. Jurou que o buscaria sempre. Haveria de o reconhecer nem que ele se tornasse ínfimo. Saberá dele escondido na mais insignificante gota de água. Jurava. Se o seu menino estivesse por perto, ela nunca o ignoraria.

Nadou ao fim do mar, à boca dos tubarões, dentro do vazio das baleias, sob as barrigas cegas dos barcos, no pensamento dos peixes e nas suas costas, entre as areias, atrás das pedras e debaixo. Buscou na cintilação quando a luz entrava água adentro fazendo de tudo um cristal gigante, podia ser que o filho fosse agora uma estrela e só soubesse brilhar. A mãe olhava o brilho como se o brilho a estivesse também a observar. Esperava e, de todo o modo, ficaria para sempre a esperar.

Nunca secava o corpo porque a água era agora o seu menino. Molhava-se, estendia as mãos em redor como radares aflitos por um abraço e imaginava que a criança fazia as ondas. Talvez as ondas fossem um modo de falar.

E ela ondulava. Sentia as marés como a respiração do mundo a caminho. Sentia que o tempo todo era deslocação

e viagem. Era como sabia que a demora lhe criava uma distância insuportável, como se o planeta inteiro fosse constantemente para outro lugar. Como se o planeta inteiro estivesse a ir embora e ela precisasse de agir com urgência.

Ela também achava que o seu corpo a secar era uma partida contínua do filho. Quando sentia a roupa e a pele seca, dizia: partiu. Como se o filho levantasse do colo. De dormir no seu peito, como era costume. O menino evaporava talvez para observar as coisas desde as nuvens. A mãe ficava sozinha. Fechava-se em casa a recordar.

Pensava que o corpo do mar era o corpo do filho, sem distinção. O amargo do sal nunca a enganaria perante a falta dos beijos, a nostalgia dos beijos e a delicadeza da sua criança. Ela nadava dentro do filho. Era por causa disso que se estendia e só então acalmava.

Uma vez, a mãe encheu de água um enorme jarro que levou para casa sem entornar. Fitou-o perplexa. Resplandecia na luz da tarde igual a uma lâmpada líquida ou a uma estrela guardada. Cuidadosamente, abraçou o jarro e longamente o acarinhou. Era então um lugar do seu filho. Depois, a mãe afundou um soldadinho para que a água pudesse brincar. Ela disse: brinca, filho. A água aquietou-se. Talvez o menino apenas brilhasse para brincar.

A cada dia, assim repetiu até que a casa inteira fosse o mar. Um mar em vidros puros, transparentes, através dos quais ela o vigiava e expunha ao sol. Afundava lobos e carrinhos de corrida, super-heróis e dinossauros. Flutuava neles barquinhos de papel e afundava mais soldadinhos. Um exército

de brinquedos que, na transparência dos vidros, também esperava. E a mãe perscrutava o bulício das águas ou a maior cintilação para saber se o seu menino estava a comunicar.

Circulava igualmente aquática, bailarina cautelosa, por entre os vidros sagrados, e eles evaporavam lentamente como se, lentamente, sem que o percebesse ou confessasse, a mãe se vingasse ao matar o mar. Haveria de o ver evaporar jarro a jarro, o tamanho de um menino pequeno, até ao infinito. Amaria e culparia o mar até ao infinito.

Durante muitos anos, vivemos sozinhos no cimo de um monte onde apenas estava a nossa casa, doze árvores e muitos pássaros. Tínhamos um cão e ele gostava de ladrar só de estar feliz, ou então era um bocado maluco, porque ladrava sem motivo enquanto fazíamos o nosso trabalho.

Durante muitos anos, eu, a minha mãe e o meu pai vivemos nessa casa no cimo de um monte mais ou menos afiado que custava subir e descer. Explicaram-me que a nossa tarefa era ver ao longe, e eu via ao longe sem saber o que esperar e esperava que um dia pudesse entender melhor porque tínhamos de o fazer.

Víamos distante uma estrada muito estreita que serpenteava nos montes vizinhos, aparecendo num lugar e depois desaparecendo, surgindo mais adiante como vindo à tona do verde intenso da vegetação. Um oceano de ramagens. Víamos como passavam uns poucos carros, tão de vez em quando, e como havia gado que os pastores enfileiravam por ali para chegarem aos pastos a engordar de erva.

Os montes vizinhos eram mais cobertos do que o nosso, que parecia careca, assim sem cabelo por ter apenas doze árvores. Estava a nossa casa ali pousada, na careca do monte, como um pequeno chapéu. Eu até imaginava que o nosso

monte, ali abaixo de onde estávamos, teria uns olhos e uma boca para ser uma cabeça toda catita a fazer o mesmo que fazíamos nós, ver ao longe.

Víamos como chegava o sol e depois como partia. Como fazia para se erguer de um lado, ali arregaçado de entre o fundo distante da pedreira, e como seguia o dia inteiro para se ir meter quase pelo riacho adentro. No verão, o sol acertava sempre no riacho, parecia até que se ia refrescar.

Eu pensava se estaríamos ali para tomar conta do sol. Para saber se ele fazia o seu caminho sem se enganar ou sem cair mais depressa do que o devido. Perguntava se estaríamos ali para tomar conta do tempo, para que não fosse mais pequeno nem fosse maior do que devia.

Em certas alturas, eu, a minha mãe e o meu pai sentávamo-nos lado a lado a trabalhar nisso de ver o longe. Todos os três observávamos como estavam as paisagens calmas e como se ouvia o silvo pequeno do vento e o marulhar das folhas. Conversávamos devagar, por não ser importante fazer as coisas à pressa nem falar.

Os três sentados na atenção serena que prestávamos, e o meu pai podia cantar uma canção, de vez em quando, porque o declive do monte parecia pôr-se de caminho para o som e a voz crescia. Eu já sabia do eco e da reverberação. A voz do meu pai agigantava-se pelos montes fora e era afinada, tão segura quanto delicada.

A minha mãe cantava também, e eu ouvia e achava que o longe que ali víamos ficava mais perto assim. Porque lhe

chegávamos pela voz, planando pela voz até aos lugares menos nítidos da paisagem.

Mas era em silêncio que mais vivíamos. A deixar que fossem as plantas e os bichos a terem pelo vento partículas de conversas viajando.

Quando se vive num silêncio tão grande, a tomar conta de algo tão distante, aprende-se a ver melhor. Aprende-se a ver pela cor das coisas, pelo movimento e até pelos odores o que pode estar a acontecer.

Sabíamos sempre muito bem da tempestade, e distinguíamos muito bem a tempestade das chuvas mais fracas e nunca nos enganávamos com os ventos frios de primavera, que eram passageiros e aqueciam se nos puséssemos ao sol.

Aprendemos a perceber como os rebanhos trepavam pelas encostas e sabíamos a quem pertenciam, ainda que fosse tão raro estarmos com outras pessoas. E, pelo movimento do rebanho e o tempo que levava a subir ou descer a encosta, percebíamos se estava maior ou mais pequeno, se a fome ou os negócios tinham obrigado ao abate do gado.

Era um trabalho muito difícil porque, enquanto vigiávamos algo num lugar, podia acontecer noutra o que o meu pai queria saber, e ele sempre perguntava o mesmo, se eu vira gente, quantas pessoas, se vinham a pé, se tinham carro ou motocicletas, se faziam barulho ou diziam palavras mais aos gritos e se eu havia ouvido o que diziam.

Eu tinha sempre dificuldade em separar o que não importava do que era fundamental para o nosso trabalho. Por isso, tanto memorizava coisas tolas como podia esquecer outras

tão preciosas. O meu pai, no entanto, parecia ser paciente e ter tempo para esperar. Como se esperasse que o trabalho, num dado momento, estivesse completo para sempre e não precisássemos mais de trabalhar. O que era o mesmo que não precisarmos mais de viver ali, julgava eu.

Eu sabia que um dia teria de ir à escola, estava a chegar à idade e a minha mãe já tinha descido monte abaixo a avisar uns senhores de que era preciso que a carrinha das crianças fosse parar ao pé de nós.

Significava que eu teria de descer a nossa encosta por mais de meia hora até ao carreiro e depois meia hora até à estrada onde a carrinha devia passar todos os dias a um momento certo.

A minha preocupação ali por aqueles dias, antes de ir estudar, era a de saber se o nosso trabalho não ia ficar descurado. Quem faria a minha parte de ver ao longe a medir os humores da paisagem?

O nosso cão pôs-se ainda mais esquisito, parecia entender alguma coisa e ladrava em meu redor a protestar ou a avisar-me não sabia eu de o quê.

A minha mãe enxotava-o a ver se ele ia brincar com a passarada. O pobre do bicho, como sempre vivera ali no pico do monte, tinha mais de céu dentro da cabeça do que de terra. Talvez julgasse que voava e que entre ele e os pássaros a diferença estava apenas na cor. Às vezes corria muito e dava uns saltos tão altos para os apanhar, até nós achávamos que o maluco do cão ia aprender a voar.

Preocupados ou não, os meus pais explicaram-me que

o meu tempo de ir à escola era o mais importante de todos e que, dali em diante, seria esse o meu trabalho principal. Olhei para os nossos bancos. Olhei para longe e imaginei como mudariam as minhas tarefas, tanto me parecia que tinha ali tudo quanto precisava.

Quando a carrinha chegou, vinha com três crianças de lugares ainda mais afastados. Não foram, é claro, as primeiras crianças que vi, mas eu não estava habituado a ter crianças por companhia. De todo o modo, nos montes, todos nós, mesmo antes da idade da escola, já tínhamos muito trabalho para fazer e brincar era quase uma ideia esquisita.

Na escola, sentados em mesas pequenas, com um caderno e um lápis para copiar letras e números, éramos oito alunos e a professora. Ela dizia-nos que a letra A pode ser linda, pode ser má, já se cá vê que há tal letra no que começa e no que finda.

A nossa professora, como vinha da cidade, explicava que por cada árvore do monte havia uma casa na cidade. E que, por cada pássaro ou insecto, havia gente nas ruas. Eu pensei que difícil seria o trabalho do meu pai, que tem de estar atento ao que fazem as pessoas pela paisagem, se tivesse uma paisagem de tanta gente.

Ainda havia sido uma sorte que nos tivesse calhado viver no cimo de um monte tão especial e ter por tarefa ver ao longe e tomar conta de um tão grande sossego.

Um dia, pediu-nos a professora que falássemos sobre o nosso trabalho. Nós, as crianças que, entre os lápis e cadernos mais as brincadeiras de recreio, ainda voltávamos

a casa na carrinha, com a pressa possível, para ajudarmos os nossos pais.

Eu expliquei como me sentava nos bancos, virado ora para sul, ora para norte, e expliquei que a paisagem mudava de cores e movimentos, tinha ruídos grandes e outros discretos e que havia que saber para onde olhar. Depois, expliquei que o mais importante era perceber o que acontecia longe, lá onde ficavam os montes mais isolados e aonde quase ninguém ia. O meu pai dizia que se houvesse o azar de um incêndio nesses montes podia arder quase o mundo inteiro, porque o tempo seria pequeno para trazer água antes que o fogo alastrasse.

Expliquei à professora que na sala de aula tudo era perto e que nada se distanciava de nada como nos montes da paisagem. Mas a professora negou. Disse-me que o rosto de cada um também era imenso como a paisagem e, visto com atenção, tinha distâncias até infinitas que importava tentar percorrer.

Nesse dia voltei da escola como se tivesse a tampa da cabeça aberta e os pensamentos me fugissem para o vento.

Pus-me a olhar para o meu pai a ver se no seu rosto havia algo que se comparasse ao afastado dos montes, o verde mudando, as encostas apenas cobertas pela luz do sol, o arvoredo como um tapete que parece rasteiro.

Pus-me a olhar para o rosto do meu pai à procura do que fosse distante, quando parecia que o rosto de uma pessoa tinha tudo tão à flor da pele.

Quando o nosso cão parou de ladrar, trouxe-o para junto de mim e encarei-o atento. Com a exceção da distância

do nariz em relação aos olhos, eu não sabia como entender o que me dissera a professora nem havia nada de paisagem na expressão de alguém.

Mas a professora sabia melhor do que eu e decidiu sentar-me na escola no sentido contrário ao dos meus colegas. Sentou-me na sua mesa, enquanto ela andava a pé a escrever e a apagar coisas no nosso quadro.

Fiquei de frente para as sete crianças que estudavam comigo. Sete rostos que, com mais ou menos sono, maior ou menor fome, acatavam os ensinamentos da professora como podiam.

Subitamente, enquanto fazia também as minhas letras – e eu desenhava já muito bem todas as vogais –, percebi que uma menina se distraíra a ver nada. Via nada como se fosse alguma coisa. Tinha o rosto parado e apontado para o tecto e, embora de olhos abertos, ficava estranha, como se adormecida. O rosto dela, ali todo à flor da pele, pareceu-se realmente com o distante da paisagem. Veio à sua expressão uma lonjura que impossibilitava, a quem a visse, perceber com nitidez o que lhe passava no seu pensamento.

Percebi que para dentro de nós há um longo caminho e muita distância. Não somos nada feitos do mais imediato que se vê à superfície. Somos feitos daquilo que chega à alma e a alma tem um tamanho muito diferente do corpo.

Percebi que ver verdadeiramente uma pessoa obriga a um esforço como o de estarmos sentados nos nossos bancos a tomar conta do que passa pelos montes. Percebi que ver

verdadeiramente uma pessoa também é como prevenir os fogos, como fazia o meu pai que, afinal, era guarda-florestal.

O rosto é mais turvo do que os céus e pode ser muito mais complexo do que saber exactamente de quem é um rebanho e se cresceu ou diminuiu. O rosto começa onde se vê e vai até onde já não há luz nem som. Por isso, por mais que observemos, ainda muita coisa nos há-de escapar e o importante é que estejamos tão atentos quanto possível para nos conhecermos uns aos outros.

Conheci melhor o meu pai. Conheci melhor a minha mãe. Até conheci melhor o nosso cão, que era mesmo maluco, porque lho via no rosto e tudo. Entendi que o rosto é extenso e infinito, capaz de expressões que vamos conhecendo e outras que nunca vemos. Toda a vida precisamos de estar atentos, se assim não fizermos vamos perder muito do mais importante que acontece em nosso redor. Como se houvesse um incêndio mesmo diante de nós e nem sequer o percebêssemos antes que restem todas as coisas completamente queimadas.

O meu avô sempre dizia que o melhor da vida haveria de ser ainda um mistério e que o importante era seguir procurando. Estar vivo é procurar, explicava. Quase usava lupas e binóculos, mapas e ferramentas de escavação, igual a um detective cheio de trabalho e talentos. Tinha o ar de um caçador de tesouros e, de todo o modo, os seus olhos reluziam de uma riqueza profunda. Percebíamos isso no seu abraço. Eu dizia: dentro do abraço do avô. Porque ele se tornava uma casa inteira e acolhia-nos. Abraçar assim, talvez porque sou magro e ainda pequeno, é para mim um mistério tremendo.

Eu sei que ele queria chamar a atenção para a importância de aprender. Explicava sempre que aprender é mudar de conduta, fazer melhor. Quem sabe melhor e continua a cometer o mesmo erro não aprendeu nada, apenas acedeu à informação. Ele achava que dispomos de informação suficiente para termos uma conduta mais cuidada. Elogiava insistentemente o cuidado. Era um detective de interiores, queria dizer, inspeccionava sobretudo sentimentos. Quando lhe perguntei porquê, ele respondeu que só assim se falava verdadeiramente acerca da felicidade. Para estudar o coração das pessoas é preciso um cuidado cirúrgico. Estava constantemente a pedir-me que prestasse atenção. Se prestares atenção vês corações

e podes tirar medidas à felicidade. Como se houvesse uma fita métrica para isso.

Propunha que desvendasse adivinhas e dilemas. Propunha que desvendasse labirínticas lógicas. Prometia-me um novo livro ou um caderno com marcadores amarelos e vermelhos, os meus favoritos. Prometia que, se eu descobrisse cada resposta, me daria outro abraço ainda mais apertado e sempre mais amigo. Por melhores que fossem os cadernos, o orgulho que sentia naqueles abraços era a vitória. Comecei por entender que nenhuma vitória me gratificava mais do que descortinar uma resposta e aceder a um abraço. De cada vez que a nossa cabeça resolve um problema aumentamos de tamanho. Podemos chegar a ser gigantes, cheios de lonjuras por dentro, dimensões distintas, países inteiros de ideias e coisas imaginárias.

Eu queria ser sagaz, ter perspicácia, estar sempre inspirado. O meu avô pedia que não me desiludisse. Quem se desilude morre por dentro. Dizia: é urgente viver encantado. O encanto é a única cura possível para a inevitável tristeza. Havia, às vezes, um momento em que discutíamos a tristeza. Era fundamental sabermos que aconteceria e que implicaria uma força maior.

Um dia, explicou-me, eu passaria a ser capaz de colocar as minhas próprias questões, ofício mais difícil ainda do que procurar respostas. Sozinho, saberia inventar um mistério até para mim mesmo. Como se eu fosse o lado de cá e o lado de lá das coisas. O lado de cá e o lado de lá do mundo. Um cristal com emissão de luz para todos os sentidos.

Aprendi que o dinheiro tem interesse na troca por coisas, mas não todas. De qualquer modo, o meu avô ensinou que não devemos dar tanta atenção ao preço mas ao valor. Ele acreditava que faltava ao mundo mais coisas sem preço devido ao grande valor que tinham. Na verdade, quanto maior o valor mais indecente se torna que sejam vendidas. Aquilo que há de mais valioso deve ser um direito de toda a gente e distribuído por graça e segundo a necessidade.

Aprendi que uma semente aninhada num bocado de algodão húmido pode rebentar num gigantesco pé de feijão. O meu avô dizia que as sementes eram meninos de pedra que nasciam por um bocado de água. Como se fossem pedras com tanta sede que se tornavam capazes de inventar a vida só para poderem beber.

Aprendi que a minha avó ficou doente e precisou de morrer.

Por causa de estar muito doente, a avó precisara de morrer para ficar sossegada. Não lhe poderíamos falar, mas ela seria um património dentro de nós, uma recordação que a saberia manter como viva.

Perguntei se o avô não iria entristecer demasiado. A minha mãe respondeu que sim. Todos sentiríamos uma profunda tristeza. O meu avô disse-me que teríamos de procurar a felicidade daqueles tempos mais difíceis. Se esperarmos, um dia a tristeza dá lugar à celebração. Íamos aprender a celebrar a avó. Mas nunca esperaríamos quietos. A quietude é uma cerimónia do pensamento, mas logo é fundamental bulir. Fazer qualquer coisa.

Passeávamos a repetir os nomes do que havia no caminho. Como se chamava cada árvore e cada pássaro, como se distinguiam as tantas flores no jardim da nossa vizinha solteira. A vizinha cuidava das flores à espera que o bom perfume da vida lhe trouxesse o amor. Gostávamos muito dela. O meu avô reparava em como ela escolhia sempre pelo coração. Tinha uma inteligência apenas amorosa. Podia dar muito erro para as ciências, mas haveria de garantir-lhe a felicidade quando um rapaz casadoiro a descobrisse.

Nesse tempo, o meu avô perguntou-me quais seriam as coisas mais belas do mundo. Eu não soube o que dizer. Pensei que poderiam ser o fim do sol, o mar, a rebentação no inverno, a muita chuva, o comportamento dos cristais, a cara das mulheres, o circo, os cães e os lobos, as casas com chaminés. Ele sorriu e quis saber se não haviam de ser a amizade, o amor, a honestidade e a generosidade, o ser-se fiel, educado, o ter-se respeito por cada pessoa. Ponderou se o mais belo do mundo não seria fazer-se o que se sabe e pode para que a vida de todos seja melhor.

Pasmei diante do seu conceito de beleza.

Ele incluía os modos de ser, esses ingredientes complexos que compõem a receita do carácter ou da personalidade, a maneira um pouco inexplicável como somos e sentimos tudo.

Convenci-me de que as coisas mais belas do mundo se punham como os mais profundos e urgentes mistérios. Eram grandemente invisíveis e funcionavam por sinais dúbios que nos enganavam, devido à vergonha ou à matreirice. O que

sentem as pessoas é quase sempre mascarado. Deve ser como colocarem um pano sobre a beleza, para que não se suje ou não se roube, para que não se gaste ou não se canse.

A beleza, compreendi, é substancialmente o pensamento, aquilo que inteligentemente aprendemos a pensar. A força do pensamento haverá de criar coisas incríveis, científicas, intuitivas, maravilhosas, profundas, necessárias, movedoras, salvadoras, deslumbrantes ou amigas. Pensar é como fazer.

Para a beleza é imperioso acreditar. Quem não acredita não está preparado para ser melhor do que já é. Até para ver a realidade é importante acreditar. A minha mãe disse que eu virei um sonhador. Para mudar o mundo, sei bem, é preciso sonhar acordado. Apenas os que desistiram guardam o sonho para o tempo de dormir.

Quando fiz dez anos de idade o meu avô precisou de morrer. O meu pai levou-me a passear e a pensar. Fomos pensar. Como se fôssemos dar nomes aos pássaros e às árvores, ver as flores da vizinha e distinguir até a composição das pedras. Mas isso já aprendera e não haveria de esquecer. Eu disse: talvez não tenha aprendido nada porque me custa mudar de conduta, só me apetece chorar, pai.

O meu pai respondeu que o avô estivera sempre feliz comigo, mas envelhecera muito, cansara-se, morrer era só como deixar-se sossegar.

Eu senti que o seu sossego era do tamanho da nossa solidão.

Depois, acrescentei: há uma felicidade para os tempos difíceis. Sei que é importante seguir à sua procura. Não estou

seguro de ter entendido a beleza, mas prestarei atenção com todo o cuidado. Jurei acreditar. Acreditei sempre, mesmo antes de saber o quanto.

Puseram o meu avô debaixo de flores como se fosse solteiro e esperasse pelo amor.

Senti ter ficado do lado de fora do abraço, como se a casa tivesse ido embora com um temporal e me pusesse irremediavelmente desabrigado. Eu pensei: fora do abraço do avô.

Levei desenhos para lhe contar uma história pequena. Desenhei o meu avô passeando, depois, sentado ao pé do riacho e também de braço levantado a tentar servir de árvore para um pintassilgo. Desenhei o meu avô a ler livros em voz alta e a repetir que a sopa é redonda como o sol e ilumina a nossa fome. Desenhei-nos a rir. E desenhei o seu abraço. Pensei: dentro do coração há sempre um abraço. Passei a viver sobretudo dentro do coração, como numa casa que não pode ir-se embora.

Eu entendi que o meu avô era como todas as mais belas coisas do mundo juntas numa só. E entendi que fazer-lhe justiça era acreditar que, um dia, alguém poderia reconhecer a sua influência em mim e, talvez, considerar de mim algo semelhante. Com maior erro ou virtude, eu prometi tentar.

À noite, deito-me como uma semente na almofada húmida do coração. Fico aninhado com a esperança de crescer esplendorosamente por dentro do amor. No verdadeiro amor tudo é para sempre vivo. E sei que, como as pedras, vivo da sede. Quero sempre inventar a vida.

12. Anotação

Autor:	Viktória Polyáková
Departamento e Faculdade:	Departamento das Línguas Românicas, Faculdade das Letras
Título da tese:	Tradução comentada de contos do escritor português Valter Hugo Mãe para a língua eslovaca
Orientador da tese:	Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.
Número de caracteres:	79 679
Número de anexos:	1
Número de referências bibliográficas:	19
Palavras-chaves:	Valter Hugo Mãe, contos, tradução comentada, análise literária, <i>Contos de cães e maus lobos</i> , linguagem figurativa, temas existenciais
Caracterização breve da tese:	O presente trabalho focaliza na breve introdução do escritor português contemporâneo Valter Hugo Mãe. Os seus objetivos são a apresentação da análise literária de três contos da coletânea <i>Contos de cães e maus lobos</i> , a elaboração da tradução destes contos para a língua eslovaca e, finalmente, a análise do processo translitológico.

Anotação em inglês

Author:	Viktória Polyáková
Faculty and Department:	Faculty of Art, Department of Romance Languages
Title:	Commented translation of short stories of the portuguese writer Valter Hugo Mãe to Slovak language
Supervisor:	Mgr. Kateřina Ritterová, Ph.D.
Number of characters:	79 679
Number of appendices:	1
Number of bibliographical references:	19
Key Words:	Valter Hugo Mãe, short stories, commented translation, literary analysis, <i>Contos de cães e maus lobos</i> , figurative language, existential themes
Short characteristics of thesis:	This thesis focuses on a short introduction of the contemporary Portuguese writer Valter Hugo Mãe. Its aims are the presentation of the literary analysis of three short stories from the collection <i>Contos de cães e maus lobos</i> , the formation of the translation of these short stories to Slovak language, and finally the analysis of the translational process.